

De 5 a 7 de outubro,  
o maior evento da psicologia brasileira

## 1ª Mostra Nacional de Práticas em Psicologia

Centro de Convenções Anhembi  
Av. Olavo Fontoura, 1.209, Parque Anhembi  
São Paulo, SP



Os Conselhos de Psicologia realizarão em outubro a 1ª Mostra Nacional de Práticas em Psicologia, tendo como tema "Psicologia e Compromisso Social". O evento objetiva criar um espaço para troca de experiências e divulgação de trabalhos profissionais desenvolvidos por psicólogos comprometidos com questões sociais: experiências em serviços públicos, trabalhos junto a ONGS, estágios de estudantes em cursos de Psicologia, serviços prestados por universidades, cursos à população em geral, experiências em empresas privadas, em comunidades e grupos específicos, enfim, toda a riqueza da Psicologia como profissão. Os trabalhos poderão ser apresentados em formatos diversos, tais como vídeos, filmes, pôsteres, fotos, shows de slides, explanações e relatos, performances, peças teatrais, shows musicais e outros.

### Inscrições até 30 de julho: veja como proceder

Podem se inscrever gratuitamente psicólogos e estudantes de Psicologia de todo o país. Para isso, basta preencher e encaminhar a ficha de inscrição para a sede ou subsede do CRP de sua região. Para obtê-la, abra o site do CRP SP ([www.crp.org.br](http://www.crp.org.br)), ou destaque-a do folheto distribuído juntamente com a revista *Psicologia, Ciência e Profissão*, ou ainda informe-se na Secretaria do Conselho. Se você deseja apresentar trabalho, envie juntamente com a ficha um disquete (ou por e-mail) com um resumo do mesmo, contendo no máximo 500 palavras, em fonte Arial, corpo 12. Os trabalhos inscritos serão apreciados por uma comissão que definirá quais serão incluídos na Mostra. Apenas os interessados em receber certificado de participação e CD-ROM com o resumo dos trabalhos apresentados na 1ª Mostra devem anexar à ficha de inscrição comprovante de pagamento da taxa de R\$ 10,00, que deverá ser depositada no Banco do Brasil S.A., agência 1815-5, c/c 1000-6, Conselho Regional de Psicologia SP. Participe!



# psi

jornal de psicologia



crp sp

ano 18 • número 120 • janeiro / fevereiro 2000

Solidariedade

## Brasil descobre a força do 3º setor



**“Os desastres sociais do neoliberalismo e a presença de movimentos sociais por direitos trouxeram a social-democracia de volta. Mas com nova roupagem e o manto da terceira via como afirmação”**

Marilena Chauí, na *Folha de S. Paulo*, 19/12/1999

**“No terceiro setor, a introdução de novas tecnologias não destrói postos de trabalho. O contato humano é indispensável”**

Mário de Aquino, pesquisador do Cets-FGV, na *Folha de S. Paulo*, 18/8/99

**“Estamos chegando ao final deste século com a geração de um novo tipo de sociedade, na qual a sociedade civil organizada vai ter um importante papel na construção de uma nova cidadania”**

Leopoldo Costa Jr., pesquisador do Cets-FGV, em *Cadernos do 3º Setor*, abril de 1998

**“Freud explica também a filantropia, porque por trás de toda atitude filantrópica há sempre um certo sentimento de culpa”**

Ricardo Voltolini, coordenador do Fórum Permanente do Terceiro Setor, do Senac-SP

**“Quis aliar minha vida profissional a uma vontade de transformação social. Mas nunca imaginei que havia um setor já tão estruturado”**

Eduardo Santos, psicólogo, coordenador do Programa de Trainees do Grupo de Institutos, Fundações e Empresas, Gife, na *Folha de S. Paulo*, 18/09/1999



## Conselho Regional de Psicologia SP

**Psi Jornal de Psicologia CRP SP** é uma publicação do Conselho Regional de Psicologia de São Paulo, CRP SP, 6ª Região

### Diretoria

Presidente | Lumêna Almeida Castro Furtado  
Vice-presidente | Odair Furtado  
Secretário | Alexandre Nicolau Luccas  
Tesoureiro | Rogério Izidro Duran

### Conselheiros efetivos

André Isnard Leonardi, Bronia Liebesny,  
Carmem Sílvia Taverna, Katia Rubio, Leliane Glíscie Moreira,  
Odette de Godoy Pinheiro, Paulo Roberto de Camargo,  
Rachel Contrucci Alvim, Sandra Maria Sawaya,  
Vanila Conselheiro Sequeira e Wanda Maria Junqueira Neves

### Conselheiros suplentes

Ana Stella Álvares Cruz, Adalberto Botarelli, Carla Bertuol,  
Edinilton Santa Rosa, Elisa Sayeg, Inez Guimarães Pistelli,  
José Siqueira de Brito Lyra, Márcia Cabral Meireles,  
Maria Regina Namura, Mariângela Aoki, Milton Baldon,  
Rafaela Cocchiola, Sérgio Ozella, Suelli Pereira Pinto e Valéria Pereira

### Gerente geral

Diógenes Pepe

### Comissão de Comunicação

Odair Furtado, Inez Guimarães Pistelli, Elizabeth Arouca,  
Katia Rubio, Elisa Sayeg e Rafaela Cocchiola

### Edição e textos

Luis André do Prado (MTB 2212)

### Reportagens

Cristiano Tsonis

### Revisão de textos

João Hélio de Moraes

### Fotos

Márcia Zoet, Agência Argos

### Projeto gráfico e editoração

Fonte Design (11) 5096 1378

### Ilustrações

Gilberto Tomé e Patrícia Gimeno

### Impressão

Folha Gráfica

### Tiragem

42.000 exemplares

### Periodicidade

bimestral

### Sede CRP SP

Rua Arruda Alvim, 89, Jardim América  
cep 05410-020 São Paulo - SP  
tel. (11) 3061 9494 fax (11) 3061 0306

### E-mails

Diretoria | direcao@crpsp.org.br  
Informações | info@crpsp.org.br  
Centro de Orientação | orientacao@crpsp.org.br  
Administração | admin@crpsp.org.br  
Jornal de Psicologia | jornal@crpsp.org.br  
Site http://www.crpsp.org.br

### Subsedes CRP SP

Assis | tel (18) 322 6224, 322 3932  
Bauru | tel (14) 223 3147, 223 6020  
Campinas | tel (19) 243 7877, 241 8516, 243 6796  
Grande ABC | tel (11) 444 4000  
Ribeirão Preto | tel (16) 620 1377  
Santos | tel (13) 235 2324, 323 8115  
São José do Rio Preto | tel (17) 235 2883, 235 5047  
Vale do Paraíba e Lit. Norte | tel (12) 233 3867, 232 9357

## Índice

### 02 Editorial

#### Cartas

#### Administração

### 04 Diálogos

#### Ciência

### 09 Gênero

#### Sociedade

#### Mercado

### 14 3ª via

#### Opinião

### 16 Livros

#### Informática

#### Notas

### 19 Agenda

#### Orientação

**03** Tire dúvidas sobre procedimentos profissionais no Centro de Orientação

João Augusto Pompéia:  
psicoterapia e fenomenologia

O impacto das tecnologias sobre a psique humana

A emergência da bioética feminista

A força de um setor que trabalha sem visar ao lucro

Terceiro setor oferece boas oportunidades aos psicólogos

A responsabilidade social do Estado e o terceiro setor

A reprofissionalização do psicólogo

Um pacote com títulos sobre psicologia do esporte

A Psicologia em espaço virtual

Prêmio Arthur Bispo do Rosário de Artes Plásticas terá exposição

Florais de Bach incluem-se entre as práticas científicas?



# Práticas sociais da Psicologia ganham mostra nacional

Na primeira edição deste ano 2000 do *Psi, Jornal de Psicologia* do CRP SP, fazemos um convite a todos os psicólogos: que venham conosco construir a 1ª Mostra Nacional de Práticas em Psicologia, que tem como tema **Psicologia e Compromisso Social**. Será um encontro inédito, tendo como eixo aquilo que muitos psicólogos estão transformando em cotidiano de trabalho: o compromisso com a questão social. Temos assistido a um crescente número de profissionais que assumem o desafio de inserir o seu fazer num movimento de transformação social; profissionais que tornam o seu trabalho um fazer engajado nos problemas da sua comunidade, do seu país. E isso acontece nas mais diversas áreas de atuação da Psicologia... Queremos, portanto, abrir espaço para que essas manifestações se expressem, através de uma

grande feira, de exposições, de encontros e da troca, sem esquecer os momentos de reflexão e as várias manifestações culturais e artísticas. Esperamos sua inscrição, seja para apresentar um trabalho ou apenas para participar!

Tratamos também neste número de um movimento crescente no Brasil, que é o da expansão do chamado terceiro setor, formado pelas organizações não-governamentais, as ONGs, pelas entidades filantrópicas e, enfim, por todo tipo de instituição sem fins lucrativos. Um movimento que carrega contradições: a marca de uma sociedade que se organiza mais em torno de temas de interesse social, de forma autônoma, gerando em muitos casos novas oportunidades de trabalho para muitas categorias, entre elas a do psicólogo; de outro lado, reflete o crescente desemprego que joga no mercado milhares

de trabalhadores, forçando-os a buscar alternativas para sua inserção profissional. Leia as reportagens que aprofundam a reflexão sobre este tema.

Finalizando, gostaríamos de ressaltar uma data que para todos nós é sinal de mobilização de luta pela transformação do papel da mulher na sociedade. É com muito orgulho que lembramos aqui de todas aquelas mulheres que, no anonimato do seu cotidiano, criam um jeito feminino de estar ativamente participando da construção de uma sociedade mais solidária, onde o carinho, a alegria e a simplicidade tenham nova significação para todos. Parabéns a todas as mulheres pela passagem do Dia Internacional da Mulher!

Um abraço

Lumêna Almeida Castro Furtado  
Conselheira-presidente do CRP SP

## Cartas

### Artística Mente

Parabenizo a iniciativa do CRP SP com o calendário Artística Mente. O concurso é muito interessante, as obras escolhidas são belas e retratam bem o imaginário dos usuários de serviços de saúde mental. É bom poder vê-los criando e ver o CRP SP apoiando e divulgando essas obras. Fico agradecida.

Maria Regina Ferreira da Silva, São Paulo, SP

Foi com tristeza que recebi este calendário. Naquele momento, pensei o quanto vocês gastaram com isso e também por que nunca nos perguntaram como queremos usar o \$ do CRP. Os jornais, tanto o regional como o federal, são ridículos. Só tem matéria "afrescalhada" e, no entanto, nos cobram mais de R\$ 100 por ano. Agora pergunto: para que servem os conselhos? Até hoje, eu e nenhum colega meu conseguimos responder. Em todos estes anos, nunca fui visitado por qualquer membro. O que vocês sabem é ser contra (contra tudo), e são de um falso humanismo infantil. (...) Se querem fechar hospitais e Febens, então pergunto o que farão e o que fazem os colegas que lá trabalham! Também o preço da anuidade é votado por uma minoria que reside em São Paulo, e não votado por carta. Não sei de luta alguma para colocarmos psicólogos nas escolas estaduais, tentando prevenir o uso de drogas! Esta carta é anônima, chata e poderão lhes passar pela cabeça duas hipóteses: 1) esse cara é um chato mesmo; 2) iremos discutir o assunto.

Eu, Ulisses, Rua da Fantasia, 301, Mogi Mirim, SP

O CRP SP agradece os diversos elogios enviados por psicólogos pela realização do Prêmio Arthur Bispo do Rosário e calendário dele gerado. Lamentamos, contudo, que o psicólogo que se identifica como Eu, Ulisses, não tenha alcançado a dimensão da iniciativa. Informamos, ainda, que não se inclui entre as tarefas

dos membros deste Conselho "visitar" psicólogos, nem isso seria possível tendo em vista termos hoje cerca de 42 mil profissionais ativos no Estado. Se com isso quis se referir à ação fiscalizadora do órgão, a matéria publicada na próxima página esclarece por que a fiscalização direta foi substituída pela preventiva, por meio da orientação. Por sua vez, o valor da anuidade não é uma decisão de uma "minoridade de São Paulo", mas decidido por uma plenária que congrega representantes dos CRPs de todo o país e vale nacionalmente. Quanto à orientação dada à aplicação das verbas orçamentárias, a gestão atual tem se pautado justamente por oferecer o maior retorno possível à categoria, incrementando a realização de eventos e os nossos meios de comunicação. Por último, o CRP SP não prega o "fechamento" de hospitais e Febens, mas sua substituição por sistemas mais humanos e eficazes de atendimento, que certamente oferecerão mais e melhores oportunidades de trabalhos aos psicólogos.

### Febem

Como deputada estadual por São Paulo, tenho procurado colocar meu mandato à disposição do movimento de luta em defesa dos direitos de crianças e adolescentes, garantindo o cumprimento e a implementação do ECA. (...) Tendo tido contato com o excelente trabalho que este Conselho vem realizando nessa área e tendo acesso ao último Jornal deste CRP, que aborda amplamente a questão da Febem, venho, em primeiro lugar, parabenizá-los pelas ações. (...) Coloco ainda meu mandato à disposição deste Conselho.

Maria Lúcia Prandi, dep. estadual, PT SP

Os últimos acontecimentos na Febem (últimos?) têm gerado uma série de reportagens que nos obrigam a pensar mais detidamente

o assunto. (...) Nos meios acadêmicos circulam as idéias de Foucault, Goffman, Bleger e outros mais a respeito do poder, do estigma e das instituições. Os brasileiros podemos citar, especificamente sobre a Febem, Khan e Guirado, menos especificamente o querido Paulo Freire. Ou seja, a questão é objeto de pesquisa e reflexão. O ECA faz 10 anos neste ano 2000. Para respaldar as idéias e defender a "moçada", temos conselhos tutelares, Condeca, Pastoral do Menor, SOS Criança, delegacias, fóruns, Ministério Público etc. No entanto, as crianças/adolescentes continuam nas ruas esmolando, roubando, morrendo... A Febem, cada vez mais superlotada, sem funcionários suficientes e ineficiente. (...) A sociedade, e aí devemos incluir cada um de nós, não quer recuperar ou educar a criança/adolescente vitimada e/ou vitimizada. Queremos excluir, quem sabe melhor seria extirpar o mal pela raiz, tendo como fundamento, como disse certa vez Hélio Pellegrino, "não o desejo de reparação, ou de justiça, mas a sede bruta de vingança".

Selma Maria Lamas Chiandotti, especialista em psicologia hospitalar com formação em psicologia jurídica e drogadição; funcionária da Febem há três anos.

A reportagem "Febem, mal-estar nacional" ofereceu um painel abrangente sobre o problema do adolescente autor de ato infracional, não apenas criticando a postura do atual governo, mas também apontando as soluções, que existem e estão claramente preconizadas na própria legislação nacional (o ECA), inacreditavelmente não praticado pelos Executivos. Quisemos expressar o completo envolvimento do Conselho com uma questão que atinge toda a sociedade e diretamente a categoria. Não dá para ficar alheio diante de um quadro como o atual, haja vista as novas rebeliões ocorridas em fevereiro. ●



# Oriente-se, o Conselho está aí pra isso

Oferecer orientação é uma atividade prevista por lei para todos os Conselhos profissionais, assim como é a fiscalização do exercício profissional. No CRP SP, essas duas atividades têm sido centralizadas e executadas pelo Centro de Orientação, que faz o atendimento (por telefone, carta, e-mail ou pessoalmente) dos psicólogos que têm dúvidas sobre questões relativas a legislação, ética e procedimentos profissionais em geral, além de realizar as diligências de fiscalização em casos de denúncias contra profissionais por condutas irregulares.

O CO foi criado em março de 1994, substituindo a antiga Comissão de Orientação e Fiscalização, COF, e desdobrando suas funções num projeto que articulava orientação, comunicação e fiscalização. O que se pretendeu foi dar prioridade à orientação, diminuindo a ênfase no caráter fiscalizador da instituição. Por isso mesmo, na ocasião, foram também extintos os cargos de fiscais nomeados. Trocou-se a fiscalização ostensiva pela orientação preventiva, objetivando munir os profissionais com informações para evitar o erro e, conseqüentemente, a instauração de processos disciplinares. "A fiscalização permanece, mas deixou de ser uma atividade rotineira, passando a assumir uma característica político-institucional", argumenta a conselheira Odette de Godoy Pinheiro, coordenadora da Comissão de Orientação, responsável pelo gerenciamento do CO.

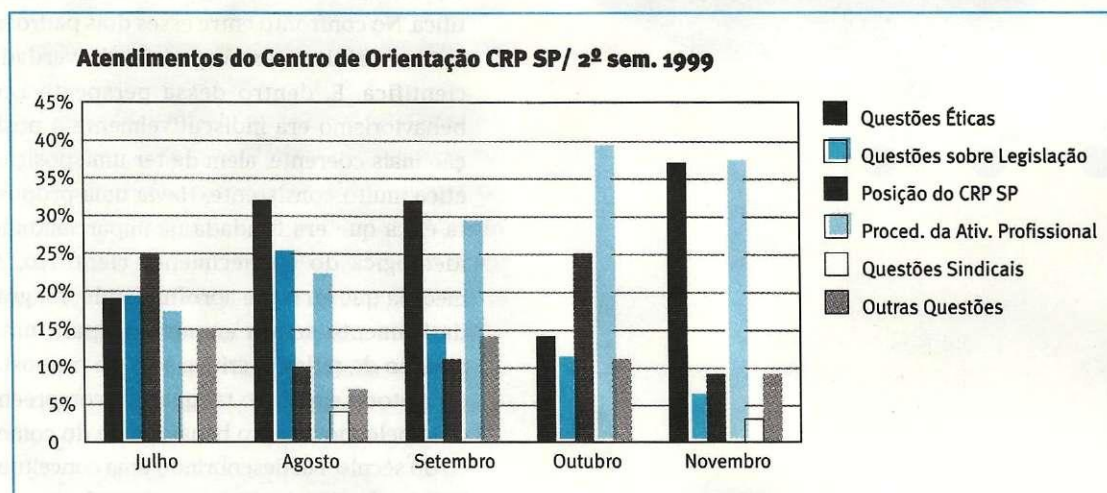
A infra-estrutura está instalada no primeiro subsolo da sede do Conselho. Ali trabalham uma funcionária em tempo integral e uma psicóloga em tempo parcial. Além disso, o Centro mantém arquivos com material para consulta e estudo dos temas que têm sido objeto de discussões e posicionamentos do Conselho e as legislações sobre atuação profissional.

Desde a sua criação, o CO vem passando por transformações, mas os objetivos originais se mantêm. Na atual gestão, está-se buscando dar maior eficiência ao atendimento e à sistemática de controle das consultas realizadas pelos profissionais. Esse controle é consolidado mensalmente e visa identificar os pontos mais sensíveis, preparando o órgão para as maiores demandas registradas. As consultas são classificadas em seis categorias: Questões Éticas, Questões Sobre Le-

gislação, Posição do CRP SP, Procedimentos da Atividade Profissional, Questões Sindicais, Posições do CRP SP e Outras Questões. Posteriormente, os dados são transformados em gráficos que permitem visualizar claramente a natureza das dúvidas que mais atingem os psicólogos. Por exemplo, entre julho e novembro de 1999, as maiores preocupações dos profissionais se fixaram no campo da ética e dos procedimentos que regem a atividade (veja gráfico abaixo).

"As demandas tornam visíveis as dificuldades mais comuns vividas pelos psicólogos em seu cotidiano profissional, o que dá ao Conselho base para definir ações nos diferentes níveis. Além disso, respostas prontas e eficientes aproximam o psicólogo de sua entidade. A orientação de grupos de psicólogos tem dado margem a discussões, o que pode levar os psicólogos a transformarem queixas em propostas e planos de trabalho, ou então vir a integrar comissões ou grupos

O gráfico abaixo ilustra os atendimentos feitos por telefone e fax pelo CO entre julho e novembro de 1999. As consultas englobadas no item "Procedimentos da Atividade Profissional" referem-se a dúvidas diversas sobre como o profissional deve agir em diferentes situações. As questões sobre "Ética" contêm as solicitações ligadas à interpretação do Código de Ética. A categoria "Legislação" refere-se às perguntas que abordam aspectos da profissão regulamentados em lei. A grande demanda verificada sobre o posicionamento do Conselho acerca de assuntos coletivos do interesse da categoria gerou o item "Posição do CRP SP". É interessante notar que o item "Questões Sindicais", referente aos direitos legais da profissão, tende a aumentar no final do ano devido ao recebimento da contribuição sindical pelos psicólogos.



de trabalho em funcionamento, acompanhando a proposta da atual gestão de abrir o Conselho à participação do profissional", afirma Odette. Um exemplo de atuação do Conselho originada de consultas atendidas pelo CO envolve as práticas ainda não são reconhecidas pela ciência psicológica. A frequência com que dúvidas sobre o assunto chegam ao Centro mobilizou as comissões de Orientação e Saúde a planejarem um seminário sobre o tema "Acupuntura e Suas Interfaces Com a Psicologia", previsto para o mês de maio. Além disso, está sendo elaborado um Manual de Orientação, na forma de verbetes de fácil consulta, para distribuição aos profissionais registrados na instituição.

A proposta da Comissão de Orientação do CRP SP é ampliar a oferta de mate-

rial de consulta ao profissional por meio de publicações, do site do Conselho (que estará passando por uma reforma nos próximos meses), ou ainda de eventos como palestras, encontros e seminários, de forma que cheguem ao CO apenas as consultas com maior grau de complexidade. Também têm sido realizadas reuniões periódicas com as subsedes com o objetivo de desenvolver um trabalho de orientação descentralizado. "À medida que o atendimento do CRP SP melhora de forma geral, o que chega ao CO vem mais direcionado. Ao mesmo tempo, as questões referentes às posições do Conselho tendem a diminuir, em função de uma política de atuação tornada mais visível pela realização de eventos e pela ampliação de nossa comunicação com o psicólogo em geral", define Odette. •



## Fenomenologia,

## uma psicologia de rigor

Aos 12 anos, ele sonhava em ser o Mandrake e manipular as circunstâncias da vida por meio da hipnose. Acabou se formando em Psicologia pela PUC-SP em 1971 e atualmente se destaca como um pensador da psicoterapia alicerçada na abordagem fenomenológica. Trata-se de João Augusto Pompéia, professor da PUC-SP além de psicoterapeuta, sexto convidado do Projeto Diálogos do CRP SP. No dia 8 de fevereiro, ele foi entrevistado no auditório do Conselho pelos psicólogos Miguel Pedrosa, Hélio Deliberador, Ida Cardinali, Eduardo Freire e Odette de Godoy Pinheiro

**Odette de Godoy Pinheiro** - *Que fatos da sua formação foram marcantes, no sentido de o levarem a fazer escolhas profissionais?*

**João Augusto Pompéia** - Na época, a Psicologia ainda não era uma profissão reconhecida. O curso de Psicologia da PUC só tinha 120 alunos. Era uma época cheia de eventos, não só intelectuais ou científicos, mas de organização da própria profissão. No segundo ano de faculdade, fui convocado para fazer o Serviço Militar, isso numa época em que era grande a oposição entre os quartéis e as universidades, quando se preparava a grande eclosão do movimento subversivo, em 1968, e o período negro da repressão, que foi de 1969 até 1974, principalmente. Conviver com os militares no período da manhã e fazer Psicologia à tarde e à noite foi uma forja, uma situação que determinou vivências, com uma característica de dialética vivencial radical.

**Odette** - *Se eu não me engano, você era monitor do Laboratório de Psicologia Experimental...*

**Pompéia** - Quando entrei na faculdade, havia um questionamento a respeito da questão da verdade. E havia duas grandes proposições: a verdade ideológica e a verdade científica. No confronto entre esses dois padrões, me encaminhei para o padrão da verdade científica. E, dentro dessa perspectiva, o behaviorismo era indiscutivelmente a posição mais coerente, além de ter uma posição ética muito consistente. Havia uma proposta ética que era fundada na imparcialidade ideológica do conhecimento científico. À medida que eu ia me aprofundando, fui gradativamente sendo empurrado para uma posição de reflexão crítica sobre a proposta do método científico tal qual era compreendido pelo movimento behaviorista do começo do século. Fui descobrindo uma conceitualização de ciência diferente daquela que eu encontrava nos behavioristas. Em 1970, entrei em contato com a fenomenologia. Aí fui reencontrar a crítica sobre a "questão da verdade" e a reintrodução da "questão do mistério", que tinha pouco espaço dentro do behaviorismo. O behaviorismo interpretava o acaso como o espaço da ignorância humana. Eu havia descoberto, com os físicos, que o acaso é uma variável intrínseca da constituição do universo. Então, o acaso reintroduzia o mistério, o insondável, o inalcançável. Reintroduzia a questão da ignorância, tão fundamental para o desenvolvimento do conhecimento. Foi aí que descobri a fenomenologia e nunca mais saí...

**Eduardo Freire** - *Eu queria saber, antes de tudo, como é que você foi parar na área de Psicologia.*

**Pompéia** - Me encantava, antes de tudo, a perspectiva do mistério. As pessoas eram para mim um espaço misterioso que me fascinava, desde a adolescência. Talvez por ter vivido a experiência de sair do interior. A mudança do espaço social me levou a uma experiência de perplexidade diante do hu-



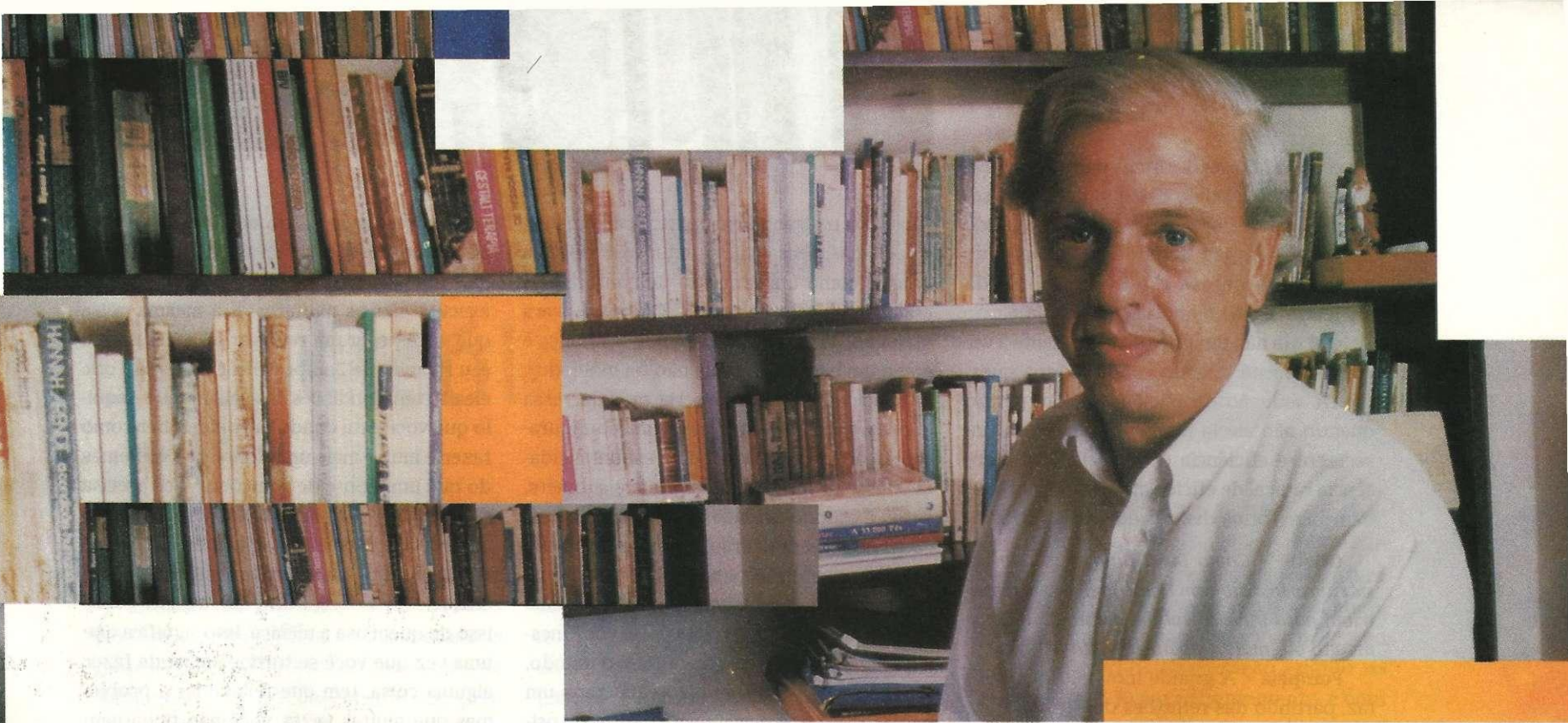
mano. Foi na adolescência que essa perplexidade brotou com toda intensidade. Então, o mistério apareceu primeiro aqui em São Paulo. Quando aos 12 anos pensei pela primeira vez em fazer Psicologia, queria ser o Mandrake e estudar no colégio de mágicas da Índia, onde ele havia se formado. Mandrake trabalhava com a hipnose, e isso tinha a ver com Psicologia. Essa foi a segunda vertente, e ela tinha um sentido de conseguir dominar e controlar as circunstâncias sociais nas quais eu era inserido pelas necessidades pessoais e sociais. Esse meu encantamento ingênuo com o poder se deu até que se instaurou em mim a distinção clara de quanto o poder, no sentido de potência - diferente do sentido do poder enquanto verbo -, se constitui numa espécie de atrativo que leva a gente a mergulhar num beco sem saída.

**Ida Cardinali** - *De alguma forma, a fenomenologia de Edmund Husserl e, posteriormente, de Martin Heidegger deu uma outra guinada na sua forma de estar olhando para o conhecimento?*

**Pompéia** - Teve um primeiro momento em que havia uma proposta revolucionária no âmbito ideológico. Acho que foi a minha primeira grande paixão. Participei do movimento estudantil antes de entrar na universidade. Quando entrei, já tinha saído do movimento estudantil porque quebrei a cara... Todo envolvimento ingênuo resulta nisso. O primeiro encantamento da instauração do novo veio pela ideologia; o segundo, via ciência. O terceiro vem exatamente da reflexão crítica de Husserl que, de repente, aponta de uma forma simples uma espécie de armadilha onde o homem do final do século 19 e começo do século 20 teria ficado aprisionado. A armadilha do modelo científico que, operando a partir do conceito de causalidade, pretendia determinar de maneira conclusiva a totalidade dos eventos que ocorressem. A partir do seu pensamento, existe uma espécie de revolução dentro da revolução, que é o pensamento de Heidegger, seu discípulo predileto e continuador. Então, seriam revoluções sucessivas e, de certa forma, cada uma delas trazendo de novo a temática da verdade, do mistério, do anseio e da busca de alguma coisa que se instaurasse como fundamento seguro sobre o qual pudesse ser constituída uma ação radicalmente ética.

joão augustos





**Miguel Pedrosa** - *A fenomenologia é, afinal, Psicologia ou filosofia?*

**Pompéia** - A fenomenologia é filosofia. Só que, na sua proposição filosófica, ela faz um convite muito particular às ciências do homem de um modo geral, e à Psicologia em particular. Tanto que o criador da fenomenologia, tal como nós a conceituamos no século 20, apresenta a fenomenologia como uma psicologia de rigor. Portanto, dentro do próprio âmbito epistemológico em que a fenomenologia nasce e se desenvolve, o vínculo com a Psicologia já é muito estreito. A segunda coisa é que a fenomenologia alerta para o caráter precário do conhecimento psicológico. Enquanto posição filosófica, ela tem uma postura crítica diante da Psicologia. Essa crítica não significa uma destruição da Psicologia, mas apenas a recuperação do alerta necessário para que o psicólogo não esqueça que, como diria Nietzsche, o seu ídolo tem pés de barro. Nesse sentido, ela também se propõe à busca de um instrumento que possa libertar a Psicologia, como ciência humana propriamente. É preciso lembrar que a condição humana é descrita, de modo geral, como uma composição entre elementos diferentes, no mínimo entre animalidade e racionalidade. Uma parte do homem se identifica com aquilo que o precedeu. Se por um lado o homem é constituído por esses fatores que ele compartilha com as outras formas de vida, aquilo que estabelece sua identidade é justamente sua diferença das outras formas de vida. É essa marca que vigora na ética de laboratório, que permite fazer experimentos com animais, mas não com seres humanos. Ora, justamente isso que marca a diferença e que nós podemos chamar de "propriamente humano" não tem instrumento de acesso adequado. A fenomenologia denuncia essa inadequação e se compromete na busca do instrumento que permita esse acesso. E, ao mesmo tempo, quer se colocar a serviço de toda a Psicologia possível, quando a Psicologia ousar se estender para aquele âmbito que seria o radicalmente ou propriamente humano. Enquanto isso não se dá, a fenomenologia cumpre, como responsabilidade pela crítica que faz, a tarefa de suprir algumas possibilidades de engajamento enquanto ação, porque senão nós teríamos que ficar esperando a constituição de uma metodologia adequada para que, então, uma Psicologia propriamente humana aparecesse para que pudéssemos lidar com as questões psicológicas. A fenomenologia, ao criticar, torna-se responsável em oferecer algo; e o que ela oferece não é uma resposta, mas uma metodologia de investigação. Essa metodologia parece ter se revelado muito útil na libertação de muitas pessoas do âmbito do sofrimento emocional, de uma maneira

muito vigorosa. Você não precisa ter uma Psicologia que explique o ser humano para que possa servir o ser humano. Essa postura investigativa abre, de novo, a possibilidade do caminhar, mesmo que não tenhamos as explicações, mesmo que não tenhamos o conhecimento que gostaríamos de ter, que precisamos ter e que continuamos buscando. Mas, enquanto nós não dispomos disso, já podemos estar diretamente a serviço desse ser humano que sofre, através da libertação que pode ser aproximada pela postura de investigação do mistério que cada ser humano é, considerado individualmente. Cada ser humano é um mistério, uma absoluta improbabilidade, como Hanna Arendt diria...

**Cardinali** - *Como você pensa a questão da eficiência no trabalho psicoterápico?*

**Pompéia** - Em nenhuma outra época o homem foi tão ligado, dependente, misturado, identificado, apaixonado, carente e produtor da técnica como o é neste final de século. Costumo dizer que existem dois grandes valores aceitos universalmente numa época e numa sociedade que se caracterizou por derrubar valores: a liberdade e a eficiência. Vocês já repararam, com certeza, que a eficiência é um parâmetro definido por uma razão matemática entre produção e tempo. Nós dizemos que eficiente é uma produção "x", feita num intervalo de tempo "y". Encurtar o tempo é o objetivo fundamental da eficiência. O problema é que quando encurtamos o tempo, aumentamos a violência. Isso não é nem uma questão propriamente humana. Se eu pegasse a energia que uma lâmpada está produzindo durante 100 anos e a libertasse em um segundo, provavelmente destruiria o bairro de Pinheiros. Há situações em que você tem uma razoável compreensão de um processo e, nesses casos, pode-se atuar de uma maneira válida. A amputação necessária de um membro, como uma perna, é uma violência, pois a pessoa fica aleijada. Mas temos compreensão suficiente para comparar a sobrevivência do aleijado versus seu óbito. Então, cortamos uma perna para salvar uma vida. O problema da eficiência na psicoterapia se coloca exatamente assim: muitas vezes o paciente espera uma eficiência maior, mas o terapeuta sabe que para que a eficiência cresça é preciso aumentar a violência do processo. Há de se ter um certo

João Augusto Pompéia, São Paulo, fev. de 2000

bom senso para equilibrar. Como o conhecimento é muito precário, essa violência é difícil de ser justificada. Na verdade, a psicoterapia afasta essa questão da eficiência, porque ela exige uma quantidade de conhecimento de que nós ainda não dispomos, realmente.

**Freire** - *Mas se esse tempo em que o paciente está sofrendo é doído, talvez possamos pensar que quanto mais cedo a problemática for ultrapassada, melhor. Aí a eficiência não está irmanada com a violência, mas com a libertação.*

**Pompéia** - Na verdade, não queria negar a eficiência. Só queria alertar para a relação intrínseca, essencial entre eficiência e violência. A violência é uma espécie de contrapartida que pertence à eficiência e que a relativiza como valor. A eficiência é um valor, um ideal, um propósito, uma intenção, um desejo que não pode ser utilizado isoladamente. Isoladamente, a eficiência produz mais destruição do que construção, mesmo que na aparência, num primeiro momento, seja altamente construtiva. O problema da terapia não é ela não aceitar por princípio o risco de uma violência em nome de uma eficiência, mas a falta de recursos que o conhecimento psicológico carrega em seu interior. Numa prática profissional que pode ser realizada a partir de mais de 80 fundamentações teóricas diferentes, como é o caso da psicoterapia, o fundamento de conhecimento tem uma densidade muito pequena. Quando o recurso é precário, a eficiência preocupa.

**Odette** - *Mas não se pode fugir da eficiência, porque no meio disso tem o pagamento, que a exige.*

**Pompéia** - Vou construir uma metáfora para encurtar caminho. Não existe um exército no mundo - e a função das Forças Armadas é a eficiência - que seja democrático. Se o tenente, na hora de decretar um ataque, tiver que reunir os seus soldados para fazer uma votação, esse exército vai perder a guerra. Não existe experiência de eficiência social que se compare, em nenhuma época histórica conhecida, à experiência do nazismo... Em 20 anos, com o nazismo, a Alemanha passou do mais arrasado, destruído e endividado país europeu para o mais rico, competente e bem armado, ao ponto de sozinha enfrentar a Europa toda. Foi eficiente pra burro. Já a democracia é um sistema social de uma ineficiência estrondosa e caríssimo; para se fazer uma eleição gasta-se uma nota. Mas e daí? Vamos fazer o Brasil virar nazista e resolver os problemas da eficiên-



cia coletiva? O grande drama que a gente vive é sustentar o modelo democrático numa sociedade que se pretende eficiente. Quando ouvimos pessoas defendendo a pena de morte, essa defesa é feita em nome da eficiência. Eu acho que a psicoterapia,

embora não tenha nada diretamente a ver com isso, está lidando com a mesma questão. A sedução da eficiência é um perigo quando não alerta para essa relação intrínseca entre eficiência e violência. Mas a ausência radical de eficiência se torna, ela também, uma forma disfarçada de violência.

**Odette** - *Como Boss, fundamentado em sua aproximação com Heidegger, inova e contribui para o nosso entendimento da doença mental ou, mais amplamente, da doença?*

**Pompéia** - A grande inovação que Boss faz, partindo das reflexões de Heidegger, é, em primeiro lugar, um questionamento do conceito de realidade. O conceito de realidade sempre foi tomado como uma referência básica para a determinação do que chamamos de doença mental. Genericamente se diz que uma pessoa é um doente mental quando está "fora da realidade". Acho que a grande contribuição de Boss foi ter questionado o que nós chamamos de realidade e reeditado uma discriminação entre saúde e doença mental a partir não mais de um princípio de adequação, coisa que sempre foi feita, mas garantindo essa diferença a partir do conceito de liberdade. O problema do louco, para Boss, não é que ele está fora da realidade – até porque nós nem conseguimos definir claramente esse conceito... A realidade não é o âmbito onde o humano vigora na sua maior potência. Quem está o tempo todo na realidade é o animal. Quando o humano está muito dentro da realidade, ele está virando bicho. Por outro lado, o problema do doente é que ele está perdendo a liberdade e, tanto

é verdade, que o que caracteriza o processo mórbido, nas suas versões psicótica ou neurótica, é exatamente a estereotipia, a perda da variabilidade do comportamento. O comportamento vai se enrijecendo e de tal modo se estreita que pode ser definido por um conceito, como a depressão, a mania... A grande contribuição é a transformação da relação entre terapeuta e paciente, no caso da doença mental. Tira-se o conceito de realidade e coloca-se a referência da liberdade, que permite compreender e distinguir de maneira suficientemente adequada sem trazer todos os preconceitos com os quais o conceito de realidade está marcado.

**Odette** - *Do jeito que você está colocando, o doente mental teria perdido um pouco da espontaneidade? Fale um pouco da espontaneidade...*

**Pompéia** - O conceito de espontaneidade precisaria ser inserido dentro de algum contexto teórico definido. Em Moreno, ele está profundamente identificado com a criatividade. E a criatividade está fundamentada num conceito de liberdade frente às "conservas culturais". Se pensarmos o conceito de espontaneidade dentro do senso comum, a palavra é uma referência muito rica, mas também muito limitada, porque nenhum adulto consegue competir, em termos de espontaneidade, com uma criança. E defender a idéia de espontaneidade isoladamente é, na verdade, pedir que o adulto se comporte como uma criança. A espontaneidade é freqüentemente imediatista e ignora não só o desdobramento do tempo como as consequências de determinadas posições, comportamentos, ações. Por outro lado, aquilo que retira a espontaneidade e se opõe a ela é um processo de repressão oriundo da submis-

são a um padrão já existente. Antigamente, as pessoas pensavam na educação de uma criança como um processo de conformar a criança aos valores sociais. Quando eu era pequeno, as pessoas diziam que "a criança é como um barro que ainda não foi moldado". A função do educador seria modelar essa criança, para que ela tivesse uma configuração ideal. Se o que se opõe à espontaneidade é esse processo que imprime e submete, então a espontaneidade fala de uma libertação frente a esse padrão. Mas, se a gente não tomar cuidado, voltamos a defender uma perspectiva de infantilização geral. Teve uma época em que a máxima do "seja você mesmo" significava ignorar os outros, o mundo, o depois, o ontem. Ou seja, reaja como um bebê! Criou-se, especialmente dentro da psicologia norte-americana, por uma certa ingenuidade teórica, um movimento em que o ideal do homem saudável era virar uma criança à solta no mundo, incapaz de tolerar frustrações, de aceitar limites, de pensar nos outros, de ter uma consciência crítica de si mesmo – e, principalmente, incapaz de fazer contato com o mistério. Porque a espontaneidade sempre acontece na clareza. Como você pode ser espontâneo no mistério?

o fogo dos deuses. O que fazer disso não é problema nosso, diziam os cientistas, porque quem decide são os políticos e quem executa são os militares. É a mesma coisa que você pegar um revólver 45 e dar para o seu filhinho de 3 anos brincar, sabendo que ele não tem condições de avaliar o que é aquilo que você está dando para ele. Saber como fazer é muito mais uma fonte de problemas do que uma fonte de soluções. Você precisa saber o "para que você vai usar isso" e o "por que você está usando isso". A técnica não se debruça sobre essas duas questões, só diz o como... Mas é obrigatório que a gente cobre isso de quem usa a técnica. Isso significa que uma vez que você se tornou capaz de fazer alguma coisa, tem que responder a problemas que muitas vezes você não tinha nem sabia como responder. Daqui a 50 anos, toda pessoa que resolver ter filhos vai ter que decidir se vai comprar um embrião geneticamente perfeito na farmácia ou se corre o risco irresponsável e narcisista de ter um filho de seu parceiro... Eu não tive que resolver esse problema, graças a Deus, porque eu não saberia como... As pessoas se esquecem de que "poder" escolher significa "ter" que escolher. Não adianta criar potências na forma

“O problema do louco, para Boss, não é que ele está fora da realidade – até porque nós nem conseguimos definir claramente esse conceito... A realidade não é o âmbito onde o humano vigora na sua maior potência. Quem está o tempo todo na realidade é o animal. Quando o humano está muito dentro da realidade, ele está virando bicho”

**Pedrosa** - *Como a técnica faz com que olhando através dela tudo se torne um objeto, vivemos hoje a ditadura do objeto. Que sentido tem a terapia dentro desse contexto?*

**Pompéia** - Tem duas instâncias que são extremamente problemáticas na técnica. A primeira é que entendemos a técnica no sentido da tecnologia, e não como na origem etimológica da palavra, no grego, que tem outra acepção. No sentido atual, ela se debruça exclusivamente na dimensão do *know-how*. A técnica é o "como" você faz. Quando, em 1945, os cientistas produziram a bomba atômica, foram questionados a respeito da ética das suas condutas, por terem produzido um instrumento que em segundos eliminou mais de 100 mil vidas, em Hiroshima. A primeira resposta foi: "A bomba representa uma conquista, o homem ganhou uma capacidade". Sem dúvida nenhuma, a bomba atômica é literalmente o fogo que Prometeu roubou dos deuses, já que ela e sua irmã, a bomba de hidrogênio, representam a natureza das reações físico-químicas que ocorrem no interior das estrelas. Então, o homem criou

de *know-how* e deixar um vazio enorme, como o que estamos vivendo. Nunca o homem foi tão potente como é no final do século 20. Agora, o quadro patológico característico dos anos 90 deste nosso mundo globalizado é a depressão. Ou seja, o homem que se tornou parceiro dos deuses está deprimido, se encolhendo, entrando em síndrome de pânico. Para viver hoje, uma pessoa depende de uma quantidade tão grande de elementos fora do seu alcance como nunca aconteceu em nenhuma outra época da História. Uma fazenda do interior, no século passado, era uma comunidade quase autossuficiente. Se nós, hoje, ficarmos três dias sem energia elétrica, as pessoas vão se matar. Heidegger diz que esquecemos a essência da técnica; ela é mais do que dominar, produzir e controlar, criar processos que viabilizam a satisfação de desejos. A técnica se dispõe como recurso através do qual eu me torno capaz e, portanto, responsável por cuidar do mundo onde vivo. Mundo significa, em primeiro lugar, os outros, eu mesmo e a natureza. ●

## Diálogos com Maria Helena Souza Patto, em abril

O Projeto Diálogos terá continuidade no próximo dia 4 de abril, recebendo como convidada a psicóloga Maria Helena Souza Patto, professora doutora do Departamento de Psicologia da Aprendizagem e do Desenvolvimento do Instituto de Psicologia da USP. A entrevista acontecerá no auditório do CRP SP, a partir das 20 horas, aberta ao público. As vagas são limitadas e reservas podem ser feitas na Secretaria do Conselho. Participe!



# A emergência da bioética feminista

A bioética surgiu, segundo alguns autores, a partir da necessidade de dar respostas sistematizadas para desafios que foram sendo criados com o avanço da biotecnologia. Surgiu como disciplina na década de 1970 e, de início, preocupava-se com “a reflexão, a elaboração e a recomendação de normas para os comportamentos tidos como os ‘mais éticos’, ou de maior aceitabilidade pelas sociedades contemporâneas na área das biociências” (Oliveira, 1998, <http://culturabrasil.art.br/RIB/>). As primeiras teorias em bioética eram universalistas, isto é, tinham uma tendência a procurar normas e valores que fossem universais e descontextualizados. A “teoria principialista”, desenvolvida por James Childress e Tom Beauchamp, foi a mais influente. Tinha por objetivo apresentar soluções para qualquer problema em bioética a partir de quatro princípios: autonomia, justiça, beneficência e não-maleficência. Essa teoria foi desenvolvida no livro “Principles of Biomedical Ethics”. Um excelente artigo introdutório sobre a diferença entre a bioética tradicional e a bioética feminista é “Bioética feminista: a emergência da diferença”, da antropóloga Débora Diniz e da médica Ana Cristina González Vélez (Estudos Feministas, vol.6/nº2), que apresentam as informações acima sobre a teoria principialista. O artigo também lembra que, atualmente, existe o entendimento de que a bioética não é uma especialidade restrita às biociências, mas de interesse para diversas disciplinas.

As autoras lembram que os estudos críticos sobre a bioética começaram a surgir nos anos 90, influenciados por pesquisas em países periféricos ou pela perspectiva de minorias sociais, como o movimento de mulheres. A bioética feminista constitui uma perspectiva crítica da bioética que valoriza a contextualização e a avaliação situada dos grupos sociais distintos e muitas vezes em conflito, o que a diferencia das propostas bioéticas iniciais, que supunham que com um conjunto de regras universais, abstratas e descontextualizadas, poderiam ser resolvidos todos os dilemas éticos. Poder-se-ia dizer que a bioética feminista se apresenta atualmente como a vertente reflexiva e dialógica da bioética, enquanto a bioética tradicional, com a ampla divulgação que obteve, tornou-se cada vez mais tecnicista, com a aplicação mecanizada e reducionista dos quatro princípios, mesmo fora do contexto original do livro.

Alguns livros feministas tiveram influência nessa reinterpretação da ética, como o de Carol Gilligan, “In a Different Voice: Psychological Theory and Women’s Development”, que inaugurou as discussões sobre a “ética do cuidar”, que seria tipicamente feminina, contraposta à “ética da justiça”, mais abstrata e tipicamente masculina. Esse livro foi bastante criticado por atribuir a circunstâncias históricas que diferenciaram o comportamento de homens e mulheres um caráter essencialista, atribuindo as diferenças de formas típicas de pensamento de ho-

mens e mulheres não às circunstâncias históricas, mas a uma versão naturalizada dos papéis sociais. O que ficou da proposta de Gilligan foi a necessidade de considerar a diversidade nas discussões éticas, pois grupos sociais distintos situam-se diferentemente com relação a um determinado dilema ético.

Atualmente, portanto, a bioética feminista critica as crenças universalistas e a generalização fora de contexto. No dizer de Diniz e Vélez, a bioética feminista “tem o pluralismo moral pacífico como referência e valor. Na verdade, poderíamos até mesmo situar a bioética feminista como uma das temáticas de um projeto contemporâneo da filosofia moral que busca compreender e apreender a diferença moral entre as partes em conflito moral”. Para as autoras, o desafio a ser enfrentado é possibilitar o pluralismo moral sem resvalar para o niilismo ou para o relativismo puro e simples – que poderia justificar práticas cruéis. Respeitar a diferença não é o mesmo que propugnar uma tolerância universal, sob a falácia de que a cultura se justifica. É nesse ponto que os debates em bioética feminista aproximam-se dos atuais debates sobre multiculturalismo.

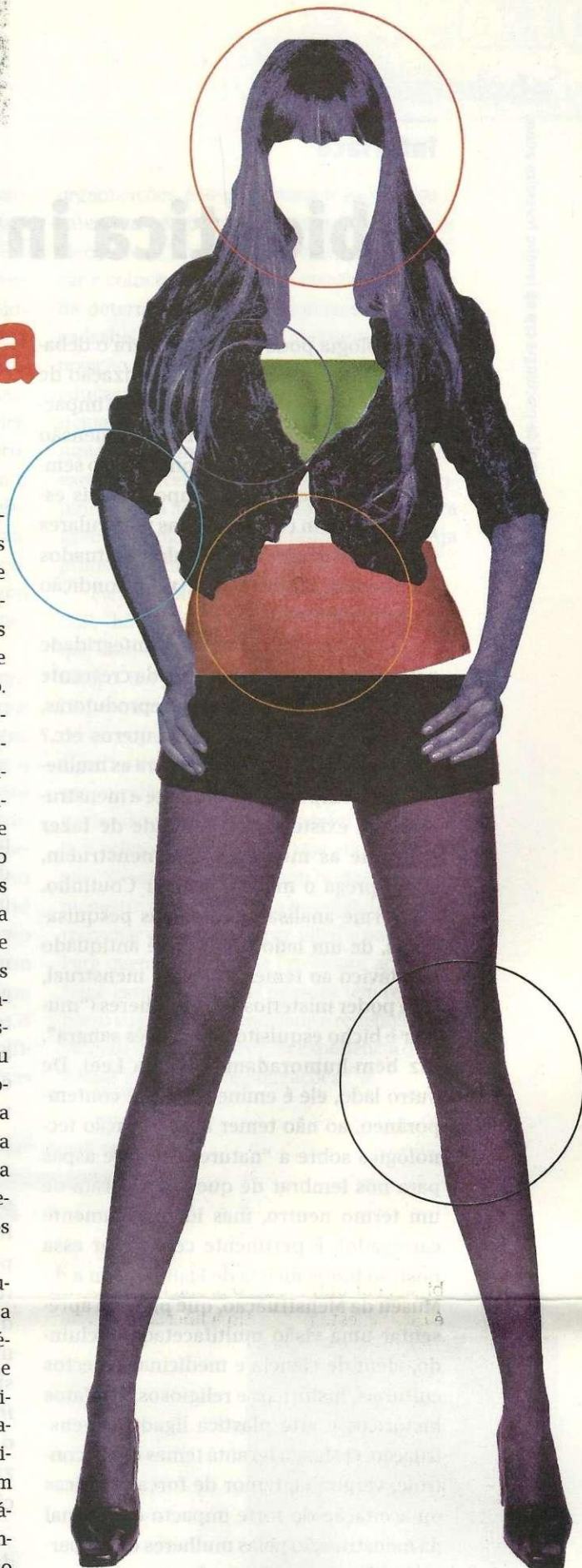
Na *Revista Anis*, de bioética e gênero (outubro de 1999, vol. 1, nº 1), encontramos a seguinte explicação sobre bioética: “A Bioética surgiu não apenas com o intuito de se constituir como um novo debate ético aplicado às situações de vida dos seres humanos e dos animais não humanos, mas principalmente com o objetivo de recuperar um valor fundamental das sociedades democráticas no período após a Segunda Guerra Mundial: o dissenso ético. Ou seja, ao contrário do que muitos teóricos propõem, a Bioética não é uma nova proposta de mediação dos conflitos morais gerados pelos avanços da biotecnologia, por exemplo. Seguramente não foram os avanços tecnológicos que determinaram o nascimento da Bioética. Temas como o aborto ou a eutanásia são tão antigos quanto os primeiros relatos das civilizações. O que determinou o nascimento da Bioética foi a força e o reconhecimento sociais de que a diferença moral deveria ser um valor a ser cultivado”.

O cultivo da diferença moral de forma pacífica, num debate ético. Esse tipo de programa lembra a proposta do University Center for Human Values da Universidade de Princeton, fundado em 1990, conforme discutido no livro “Multiculturalism”, editado por Amy Gutmann, baseado em palestra do filósofo canadense Charles Taylor e sua repercussão nos comentários de outros filósofos. Esse centro foi fundado para que houvesse uma discussão qualificada sobre que tipos de sociedade podem ser criados e mantidos de forma justa, que respeitem a diversidade humana, ou seja, que respeitem mesmo os grupos mais vulneráveis, de forma que estes tenham voz nas decisões éticas.

A importância do debate pluralista justifica-se se tivermos em mente que as leis que regem a sociedade são criadas pelos seres humanos, e não “descobertas” a partir de

algum suposto fundamento naturalista sobre como devemos viver e agir. Como diz o filósofo Norberto Bobbio (“Era dos Direitos”, 1992), os jusnaturalistas se debateram muito tempo sobre questões como “qual a forma mais natural de sucessão dos bens, o retorno à comunidade, a transmissão de pai a filho, ou a livre disposição pelo proprietário?”. Ora, dependendo de como se analisa, cada uma das soluções é compatível com a vida humana (o ser humano é parte de uma comunidade, é parte de uma família e se interessa pela descendência que produz, e é uma pessoa autônoma). Assim, a decisão final sobre qual a lei mais justa depende de uma ponderação social, e não de uma revelação de qual seria a fundamentação natural decisiva.

Por falar em pluralismo moral, Fátima Oliveira lembra as diferenças existentes no próprio feminismo que motivam diferentes relações entre feminismo e bioética. Como nos lembra, “o feminismo, embora seja uma concepção geral de luta contra a opressão de gênero, cujo objetivo é assegurar para as mulheres a igualdade nas leis e na vida, não é uma compreensão de mundo monolítica e é um movimento social formado por várias correntes ideológicas e políticas”.



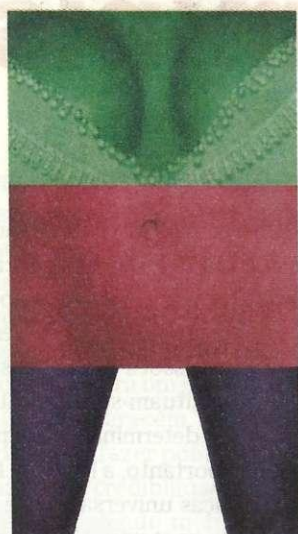


# A bioética interessa à psicologia?

A Psicologia pode contribuir para o debate em bioética por meio da realização de reflexões e pesquisas a respeito do impacto das biotecnologias sobre a dimensão psíquica do ser humano, considerado sempre como inserido em grupos sociais específicos, com circunstâncias particulares que condicionam alguns valores situados que podem também criar uma condição de vulnerabilidade.

Quais os efeitos, sobre a integridade psíquica dos seres humanos, da crescente mercantilização das funções reprodutoras, venda de óvulos, aluguel de úteros etc.? Será bom psicologicamente para as mulheres interromper artificialmente a menstruação? Já existe a possibilidade de fazer com que as mulheres não menstruem, como prega o médico Elsimar Coutinho. Conforme analisaram algumas pesquisadoras, de um lado Coutinho é antiquado ou atávico ao temer o sangue menstrual, esse poder misterioso das mulheres ("mulher é bicho esquisito... todo mês sangra", diz bem-humoradamente Rita Lee). De outro lado, ele é eminentemente contemporâneo, ao não temer a intervenção tecnológica sobre a "natureza" (entre aspas para nos lembrar de que não se trata de um termo neutro, mas ideologicamente carregado). É pertinente confrontar essa posição biotecnologista de Elsimar com a do Museu da Menstruação, que procura apresentar uma visão multifacetada, incluindo, além de ciência e medicina, aspectos culturais, históricos e religiosos, artefatos históricos e arte plástica ligada à menstruação. O Museu levanta temas como controle, vergonha, temor de forças atávicas ou aceitação do forte impacto emocional da menstruação pelas mulheres como parte de si mesmas, de sua força.

A clonagem de um novo ser a partir exclusivamente de células femininas traz como fantasma o medo da obsolescência do sexo masculino. Como diz Luis Fernando Verissimo numa crônica, "Você talvez não tenha se dado conta, irmão (...) o homem começou a ficar obsoleto. Você eu não sei, mas já estou me sentindo como um disco de vinil (...) teoricamente o es-



permatozóide perdeu sua função no mundo". Da mesma forma, a possibilidade de úteros artificiais traz o medo da obsolescência da maternidade para o sexo feminino. A biotecnologia pode ameaçar imagens fortemente arraigadas de gênero e identidade sexual, ao colocar como possibilidade técnica a gravidez no corpo masculino, ao possibilitar intervenções que transformam um indivíduo genotipicamente homem em fenotipicamente mulher e vice-versa. Também acelera a discussão sobre novas formas de família, ao possibilitar que casais de homens homossexuais possam comprar óvulos e alugar um útero para gerar descendência (e o que isso diz sobre a mercantilização do corpo feminino), ao mesmo tempo que pode possibilitar a casais de lésbicas a fertilização *in vitro*, dispensando o contato sexual com o sexo masculino para a descendência, trazendo novamente o fantasma da obsolescência do sexo masculino.

Estudos têm sido feitos sobre as mudanças na imagem corporal. De acordo com pesquisa divulgada pelo *International Journal of Eating Disorders*, "brinquedos como os bonecos masculinos modernos exibem uma musculatura desproporcional, que dá aos meninos uma imagem errada da masculinidade". O que não se diz é que para atingir essa imagem idealizada já existem recursos biotecnológicos, como os anabolizantes... Da mesma forma, bonecas com proporções irreais, como a Barbie, criam nas meninas aspirações impossíveis, induzindo de um lado desordens alimentares (anorexias) e de outro alimentando pretensões da indústria biotecnológica. Janice Raymond lembra como a indústria médica tentou vender a ideia de que seios pequenos seriam uma patologia. A Sociedade Americana de Cirurgias Plásticas e de Cirurgias Reconstructivas chegou a afirmar que "seios pequenos não são somente uma deformidade, mas 'uma doença que na maioria das pacientes resulta em sentimentos de inadequação'". Assim, uma característica física natural é patologizada, em benefício das intervenções mercantilistas sobre o corpo humano.

Sobre a mercantilização do corpo humano, muito alarde se fez recentemente nos meios de comunicação de massa so-

bre o leilão de óvulos pela Internet, com manchetes como "Óvulos de modelo vão a leilão na Internet", "Site que leiloa óvulo de modelo é sucesso" e "Médicos reagem a leilão de óvulos". Uma crítica à cobertura da imprensa pode ser encontrada em "Olhar na Web: Comissão de Cidadania e Reprodução", em <http://www.ccr.org.br/a161199.html>.

Neste artigo estou só sugerindo alguns temas que podem ser pertinentes, reconhecendo que cada um deles mereceria uma discussão detalhada. Muitas formas de abordagem já foram desenvolvidas, e o importante é possibilitar fóruns de debate em que o pluralismo ético possa ser exercido, em que grupos sociais com interesses distintos possam de fato dialogar, para sentir-se representados e escutados nas decisões tomadas pelos grupos sociais mais poderosos, para que não sejam tomadas à revelia, em detrimento das populações mais vulneráveis. Dentro do próprio feminismo, há diferentes formas de lidar com as novas tecnologias reprodutivas, desde uma vertente que as recusa totalmente, até aquelas que defendem sua apropriação pela mulheres para utilização de acordo com seus interesses, e não conforme a lógica de mercado capitalista e patriarcal.

Em face das novas tecnologias como clonagem, mapeamento do genoma humano e intervenções no DNA, seria importante para os psicólogos tomar posição em relação a absurdos conceitos de que se estaria a criar uma "pós-humanidade". Que tipo de visão de mundo se esconde sob essa ideia aparentemente nova? Até mesmo o internacionalmente famoso físico Stephen Hawking, escudado pelo epíteto de "homem mais inteligente do mundo", profere bobagens sobre como o ser humano poderá ter o DNA modificado e virar um outro ser... Um gênio na física pode ser bastante inepto em questões de ética, se não se dedicar criticamente a pensar essas questões. Hawking pode fazer essas afirmações talvez movido por ingenuidade, mas podemos dizer que são ingênuas as afirmações do filósofo alemão Peter



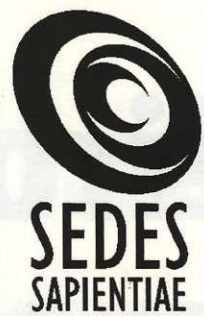
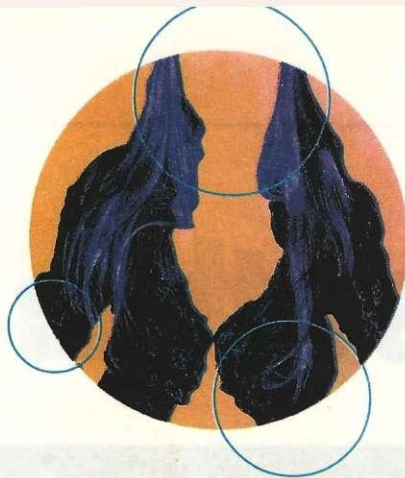


Sloterdijk, quando prega o “pós-humanismo” e defende que devemos utilizar a tecnologia para realizar “uma reforma da espécie, um planejamento explícito das características da espécie humana”? São afirmações definitivamente maliciosas.

Finalmente, citemos um caso exemplar. Exemplos como o caso Tuskegee mostram como é importante que as pessoas em geral acompanhem criticamente as pesquisas científicas. Numa época em que já haviam sido desenvolvidas normas para pesquisa com seres humanos (embora depois tenham sido mais bem formuladas), foi possível ao Serviço de Saúde Pública dos Estados Unidos, de 1932 a 1972, realizar uma pesquisa com 600 homens negros, 399 com sífilis e 201 sadios, sem observar mínimos padrões éticos. O objetivo do estudo era observar a evolução da sífilis sem tratamento. Não foi dito aos participantes qual era seu diagnóstico, nem a evolução esperada. Quando o estudo começou, não havia tratamento estabelecido para a doença, mas a partir da década de 50 já havia e mesmo assim todos os participantes permaneceram sem tratamento. Apesar da evidente transgressão ética, os resultados da pesquisa foram aceitos em comunicações de congresso, porque não houve uma atenção especial aos parâmetros éticos por parte do restante da comunidade científica. Para José Roberto Goldim (Boletim 17: <http://culturabrasil.art.br/RIB>), o problema não foi de discriminação somente racial, mas de discriminação contra todos os seres humanos, e lembra: “Somente com a indignação social é que o rumo da adequação ética e metodológica foi novamente encontrado. Esta é talvez a sua maior lição, da importância do acompanhamento sistemático pela comunidade dos projetos de pesquisa que estão sendo realizados”. Ou seja, a bioética não é um tema restrito a comissões científicas, mas de interesse para toda a sociedade, é um movimento que busca a promoção da consciência social em face dos dilemas éticos relacionados à vida, com que cotidianamente nos confrontamos. Por mais esse motivo, deveriam os psicólogos interessar-se em colaborar com pesquisas e reflexões nessa área.

**Elisa Sayeg**

conselheira do CRP SP, [cyborg@uol.com.br](mailto:cyborg@uol.com.br)



**anote!!!**

## Eventos sobre a mulher

### Seminário Menopausa em Debate

18 de março, das 9h00 às 17h00  
Salão Nobre da Câmara Municipal de São Paulo, 8º andar.

**Inscrições** | Coletivo Feminista Sexualidade e Saúde (tel 212-8681) ou União de Mulheres de São Paulo (tel 310-62367, e-mail: [uniaomulher@uol.com.br](mailto:uniaomulher@uol.com.br)).

### Marcha Mundial das Mulheres 2000 – Contra a Pobreza e a Violência

Organizada por ONGs, sindicatos, entidades feministas e organizações comunitárias, foi lançada dia 8 de março, Dia Internacional da Mulher, e se estenderá até 17 de outubro. Objetiva criar ações nas áreas de saúde, do trabalho e pelo desenvolvimento em mais de 140 países. Lançou o Manifesto contra a Pobreza e a Violência, que será entregue à ONU e tem a meta de recolher 2 milhões de assinaturas no Brasil e 10 milhões no mundo todo. Site no Brasil: [www.geocities.com/marcha\\_2000\\_br/](http://www.geocities.com/marcha_2000_br/)

### Mês da Consciência Feminina

21 de março | 9h00

**Debate Criatividade Feminina**

27 de março | 9h00

**Debate Tempo Feminino**, com a presença de Ruth Cardoso

**Local** | Hotel Sofitel

Rua Sena Madureira, 1355, Ibirapuera

**Promoção** | Conselho Nacional dos Direitos da Mulher, CNDM.

## A bioética na Internet

### Listas de discussão

- Em português: acesse o site <http://www.widesoft.com.br/cgi-bin/majordomo/subscribe/bioetica>
- Em inglês (lista da Rede de Bioética Feminista): envie uma mensagem para [listserv@listserv.utk.edu](mailto:listserv@listserv.utk.edu), e como mensagem: subscribe 1FAB <seu nome> (sem os parênteses)

### Sites

- Amamentação Online, <http://www.aleitamento.org.br/>
- FAB (International Network on Feminist Approaches to Bioethics), <http://www.uncc.edu/fab>

Associação Internacional de Bioética, <http://www.uclan.ac.uk/facs/ethics/network.htm>

- Rede de Informação sobre Bioética: Bioética & Teoria Feminista e Anti-Racista, <http://culturabrasil.art.br/RIB/>
- Museu da Menstruação/ Museum of Menstruation and Women's Health, <http://www.mum.org/>
- Lillith's Cave, de Brina Katz (Cumbria, England), <http://www.mum.org/ArMenKtx.htm>
- Olhar na Web: Comissão de Cidadania e Reprodução, <http://www.ccr.org.br/a161199.html>

## Cursos de Expansão Cultural

Início em meados de março com duração máxima de 1 semestre

- A Eutonia e o Corpo do Terapeuta
- A Psicanálise na Sociedade Contemporânea
- A Relação Médico-Paciente no Cotidiano da Clínica
- Abordagem Reichiana no Atendimento à Mulher no Ciclo Grávido Puerperal
- Arte: Ampliação do Campo da Consciência
- Arte do Movimento
- Autoconhecimento pelo Corpo: Um Caminho no Processo de Individualização
- Caminho e Alternativas de Intervenção Psicológica em Instituição de Saúde
- A Filosofia como Exercício do Pensamento: Uma Introdução à Leitura de G. Deleuze
- Dialogando com a Deficiência: Exercitando o Inverso
- Fenomenologia Existencial e Relações Humanas – Abordagem Ética e Estética, Experiência Estética e Criação
- Introdução à Clínica Corporal com Crianças
- Massagem com Base Reichiana
- Movimento Expressivo e Desenvolvimento Simbólico do Corpo
- O Arquétipo do Caminho, A Individuação Através da Arte e do Movimento Expressivo
- O Brincar, o Aprender e o Ensinar: Espaço de Construção Criativa de Conhecimentos
- O Desenvolvimento do Raciocínio Clínico na Prática Psicoterapêutica
- Psicodrama de Moreno e a Psicologia Analítica de Jung, Uma Visão Dirigida
- Psicologia do Esporte e sua Aplicação Social
- Psicopatologia e Psicofarmacologia para Psicólogos e Profissionais Afins
- Sonhos: Mensageiros do Self

### INFORMAÇÕES E INSCRIÇÕES

Rua Ministro Godoy, 1484, Perdizes, São Paulo, SP  
Tel 3873-2314 Ramal 33  
<http://www.sedes.org.br>  
e-mail: [sedes@sedes.org.br](mailto:sedes@sedes.org.br)



# Terceiro setor: trabalho al



foto | Folha Imagem/Evelson de Freitas

▲ ONGs promovem ato de protesto contra privatização da saúde pública. Av. Paulista, São Paulo, fins de 1997

◀ Mobilização da ONG Central de Movimentos Populares contra desocupação de terreno na Rua Líbero Badaro, São Paulo, fev 2000.



foto | Acervo da entidade

Terceiro setor, terceira via, terceirização, terceira idade... No limiar do terceiro milênio, uma estranha mística parece envolver o que vem classificado em terceiro lugar. E a colocação, que pela lógica numérica representa um mero terceiro lugar, tem conotação positiva, determinando uma espécie de fuga da bipolaridade, da dicotomia entre isso e aquilo: representa a busca do alternativo, do novo. É com esse sentido de "alternativa" que a expressão "terceiro setor" vem ganhando cada vez mais força, primeiro na academia e em seguida na mídia, para determinar um espaço social e econômico de atuação, com frescor de novidade. O terceiro setor engloba as instituições que não têm fins lucrativos (leia texto abaixo). É como se, entre as fragilidades do Estado - cronicamente atingido pela corrupção e por administrações

pouco interessadas no problema dos excluídos - e a natureza quase anti-social das empresas lucrativas, surgisse uma terceira possibilidade: a instituição privada solidária, criada pela sociedade civil para seu próprio benefício.

Na verdade, nada é tão novo assim nesse terceiro setor. Instituições sem fins lucrativos existem desde sempre, em todas as sociedades. No Brasil, a fundação da Santa Casa de Misericórdia, na vila de Santos, em 1543, é considerada o marco inicial desse tipo de trabalho voluntário. Por que, então, tanto alarde em torno do tema? "Muitos avanços do conhecimento se fazem com base em coisas que já existem. Às vezes o óbvio não é notado, conceituado ou estudado. A conceituação "terceiro setor" passou a ser usada a partir do início da década de 80 pelas universidades, principalmente nos EUA e Europa, levadas por uma série de fatores, como o enfraquecimento do Estado, o crescimento da cidadania e da filantropia empresarial, entre outros", explica o professor Luiz Carlos Mereg, coordenador do Centro de Estudos do Terceiro Setor, Cets, da Fundação Getúlio Vargas.

Historicamente, o terceiro setor está vinculado, desde seus tempos mais remotos, à filantropia de caridade - particularmente àquela patrocinada pelas instituições religiosas e beneficentes. É o caso do Comitê Internacional da Cruz Vermelha, que surgiu em meados do século 19 para prestar assistência médica em áreas de conflito bélico, abrindo seu escritório brasileiro em 1908. A Lei de Declaração de

Utilidade Pública, que beneficiou com isenção de impostos as instituições filantrópicas, data de 1935. Mas foi sob a égide do Estado Novo de Getúlio Vargas que nasceu, em 1942, a Legião Brasileira de Assistência, LBA, tendo como primeira presidente Darci Vargas, mulher do ditador, inaugurando uma tradição de primeiras-damas à frente do assistencialismo estatal.

O final da Segunda Guerra marcou na Europa e EUA o surgimento do *Welfare State*, o Estado do Bem-estar Social, visando justamente garantir o máximo de financiamento estatal à assistência do cidadão - até para competir com o modelo de sociedade comunista preconizado pela União Soviética. No Brasil, assim como no resto da América Latina, a tradição de um Estado autoritário e centralizador nunca viabilizou um atendimento governamental eficiente às questões sociais, a despeito do paternalismo típico do populismo. Um estudo estatístico realizado pelo Instituto de Estudos da Religião, Iser, do Rio de Janeiro, avalia contudo que "uma forte presença governamental no campo das polí-

## Afinal, que setor é esse?

Originária de uma tradição norte-americana, "terceiro setor" (third sector) é uma expressão que, a partir de meados dos anos 90, passou a ser cada vez mais difundida no Brasil para designar o universo das organizações e iniciativas privadas sem fins lucrativos. Nessa subdivisão, primeiro setor seria aquele que agrega as organizações diretamente ligadas ao Estado - as públicas - e segundo setor o que reúne as empresas e organizações privadas com fins lucrativos.

A classificação é considerada por muitos de caráter mais jurídico que econômico, já que leva em conta a natureza legal das instituições pelo Código Civil. O próprio IBGE, principal instituto de pesquisas econômicas do governo, identifica apenas a divisão entre setor público e privado. Nas Contas Nacionais brasileiras, assim como ocorre em quase todo o mundo, a conta "terceiro setor" não existe, aparecendo apenas vagamente sob a Conta de Serviços. No terceiro setor

incluem-se, por exemplo, as associações e sociedades de classe, beneficentes e outras, os sindicatos, as instituições religiosas, as ONGs, as fundações, os institutos; enfim, toda sorte de instituição que não vise ao lucro.

Pesquisadores de alguns países incluem as cooperativas nessa classificação. No Brasil, o Instituto de Estudos da Religião, Iser, que tem estudado o assunto em parceria com a Universidade Johns Hopkins, dos EUA, excluiu



# Ado à defesa da cidadania



Crianças e adolescentes atendidos por entidades conveniadas ao Projeto Nossas Crianças, da Fundação Abrinq ▶

foto | Acervo da entidade

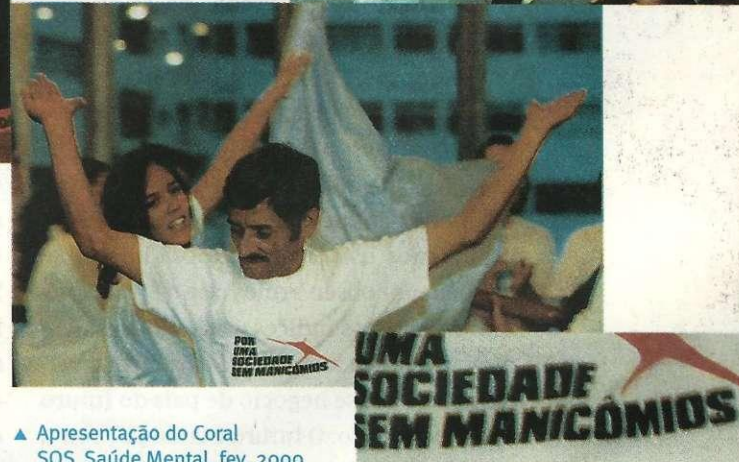


fotos | Acervo Abrinq/ Pedro Rubens



▲ Manifestação de moradores de rua e filiados à Cooperativa dos Catadores de Papel, Coopel, no Dia de Luta da População de Rua. São Paulo, maio de 1999

foto | Acervo da entidade



▲ Apresentação do Coral SOS Saúde Mental, fev. 2000

ticas sociais não é incompatível com uma grande participação do setor sem fins lucrativos na prestação de serviços públicos”.

Seja como for, só a partir do início dos anos 80 e por fatores diversos é que o chamado terceiro setor começou a viver um incremento mais significativo. Um desses fatores, pelo menos nos países avançados, teria sido a falência do Estado do Bem-estar Social. Com o encolhimento da assistência governamental, entidades privadas passam a ocupar mais espaço. No Brasil, é certo afirmar que o fim do “milagre econômico”, ocorrido na virada dos anos 60 para os 70, tornou ainda mais débil uma prestação de assistência desde sempre deficitária da máquina estatal. Outro fator importante foi o surgimento de instituições voltadas para o ativismo social com caráter político, após o retorno do país à normalidade democrática nos anos 80. Foi quando surgiram as primeiras organizações não-governamentais, ONGs: “Elas tiveram importância grande, por serem organizações de protesto, alternativas para as políticas públicas, e chamaram muita atenção. Os estudiosos passaram a olhar para esse setor a partir daí”, destaca Mereg, da FGV.

O custo do crescimento econômico promovido pelo regime militar foi uma profunda desigualdade social. Dos anos 80 para os anos 90, o Estado brasileiro pouco fez para reduzir esse fosso de miséria: conformou-se aos moldes neoliberais, restringindo-se a uma política monetarista que agravou os problemas e deixou grandes vácuos carentes de ação social. Eles passaram a ser ocupados, na medida do possível, pelas instituições sem fins lucrativos. Em 1991, nasceu a Associação Brasileira das Organizações Não-governamentais, Abong, que hoje reúne cerca de 250 entidades. “Foi na época da Eco 92. A ideia foi do Betinho, que pretendia congrega as organizações com uma natureza mais próxima, para que tivessem uma representação, discutissem e defendessem seus interesses, uma vez que passaram a ter essa missão pública que não existia até a década de 80. No período militar, as ONGs tinham pouca visibilidade”, relata Sérgio Haddad, presidente da Abong.

As ONGs trouxeram um sentido novo ao ativismo das instituições sem fins lucrativos, rompendo com a ação restritamente assistencial. “Todas as instituições sem fins lucrativos têm um compromisso ético. O que diferencia as ONGs é que elas

têm um compromisso que é de ordem política. Além de discutir e buscar a superação da desigualdade, estão preocupadas com as causas da desigualdade. Trabalham sob o ponto de vista da ação política, indo às fontes do que produz a desigualdade. Não é só atender ao desigual, mas também atuar sobre o direito de cidadania, frente às políticas públicas, discutindo os modelos de desenvolvimento”, situa Haddad. Efetivamente, as ONGs surgem como uma alternativa de atuação política fora dos canais convencionais, reflexo também do fim da era comunista, em que a contestação e as lutas pela transformação social eram feitas apenas por intermédio dos partidos políticos. Exemplo concreto de atuação social consequente de uma ONG no Brasil (para não falar no famoso Greenpeace) é o movimento Ação da Cidadania contra a Miséria e pela Vida, criado em 1993 pelo sociólogo Herbert de Souza, o Betinho, com o objetivo de combater a fome. Em sete meses, o movimento mobilizou 3 mil comitês em todo o país. ➔

as cooperativas por apresentarem um universo muito variado, “em grande parte voltado para o lucro”. Outros segmentos do terceiro setor também têm fronteiras tênues com o caráter lucrativo, caso de muitas instituições educacionais (faculdades, escolas etc.) e de saúde (hospitais), que cobram pelos seus serviços. Vale lembrar que, por lei, as instituições do terceiro setor são beneficiadas com isenção fiscal federal, considerando seu caráter social.

“A noção de terceiro setor evoca não apenas um conjunto diversificado de organizações, como também, metaforicamente, um espaço de afirmação de valores e práticas sociais que não pertencem ao terreno do mercado, como altruísmo, compromisso social, solidariedade, laços comuns, ambientalismo etc.”, ressalta a análise do Iser. O fato é que a abrangência do termo tem gerado polêmicas e questionamentos: “O conceito é um pouco difuso, o que torna seu emprego difícil quando se exige pre-

cisão metodológica. Estamos adotando a ideia de que uma organização de terceiro setor é aquela que é formal, utiliza recursos privados, emprega trabalho assalariado e voluntário e, principalmente, está voltada à consecução de atividades com finalidades públicas”, define a professora Rosa Fischer, do Ceats-USP. Seja como for, a terminologia parece ter vindo para ficar, assim como aconteceu com a expressão “organização não-governamental”, ONG, nos anos 80.



A grande visibilidade e crescimento das ONGs obrigou o próprio governo a mudar seu modelo de assistencialismo. Ao tomar posse na Presidência da República, em 1995, Fernando Henrique Cardoso extinguiu a velha LBA e em seu lugar colocou o Comunidade Solidária, igualmente capitaneado pela primeira-dama Ruth Cardoso. Inicialmente apoiado pelo movimento das ONGs, o Comunidade Solidária passou a intermediar o diálogo do governo com as não-governamentais e trocou o mero assistencialismo por projetos visando ao desenvolvimento social. Foi ainda buscar parcerias com o setor privado lucrativo, que, paralelamente a tudo isso, também viveu seu rito de passagem, despertando para a ação social guiado pelos interesses do marketing institucional ou, eventualmente, por outros mais nobres. Exemplo dessa postura foi a criação em 1990, por entidade da indústria de brinquedos, da Fundação Abrinq pelos Direitos da Criança, uma das entidades mais bem-sucedidas no gênero. “Nosso propósito não era fazer caridade, mas promover a transformação da realidade. O foco na infância se deu porque havia na época denúncias de que a indústria de brinquedos usava mão-de-obra infantil, e também por observarmos que o Brasil apresentava um dos índices graves de desatendimento nessa área, o que nos dava a certeza de que esse negócio de país do futuro era papo-furado. O futuro é criança”, conta Oded Grajew, idealizador da Fundação e seu dirigente por vários anos.

Atualmente, Grajew está envolvido em outra empreitada, igualmente voltada para a promoção social através do setor privado lucrativo. Criou, há dois anos, o Instituto Ethos de Empresas com Responsabilidade Social. O objetivo da instituição é “desenvolver a cultura da responsabilidade social entre as empresas, o que não se restringe a

estimular atuações em comunidades, mas a adotar uma atitude ética nas múltiplas relações empresariais: com a comunidade, funcionários, meio ambiente, fornecedores, clientes etc. Não basta ajudar uma escola na comunidade se a empresa não cuida da educação dos seus funcionários, joga lixo em rio ou se mete em corrupção”, ele argumenta. Também o Grupo de Institutos, Fundações e Empresas, GIFE, que reúne 51 instituições empresariais, resultou da ação de instituições com fins lucrativos preocupadas em realizar projetos sociais e, é óbvio, também com sua imagem no mercado: “Hoje as estatísticas mostram que as empresas mais responsáveis são as mais lucrativas”, observa Grajew.

Nem mesmo aquelas pioneiras instituições filantrópicas ficaram incólumes às transformações por que passa o terceiro setor. “Estou com 64 anos e milito na área de assistência social há muito tempo, sempre fazendo um trabalho de arrecadação de fundos através de campanhas, com chás, almoços, quermesses, rifas... Depois que tomei conhecimento do terceiro setor, passei a entender a atividade não-lucrativa de outra forma”, conta Sylvio Pellicano, superintendente da Federação das Santas Casas de Misericórdia, Hospitais e Entidades Filantrópicas de São Paulo, Fesehf, criada nos anos 50 e possivelmente a mais antiga entidade de representação do setor não-lucrativo do país. Sylvio descobriu o caminho do “marketing social”. Em vez de chás beneficentes, agora ele estimula a realização de convênios entre as Santas Casas e empresas interessadas em aliar promoção social com assistência médica a seus empregados. Além disso, em breve a Fesehf e 20 outras instituições dos três setores estarão lançando o Ação Solidária, mais uma entidade a incentivar “parcerias em projetos solidários”.

O relato de Sylvio evidencia outra mudança importante por que vem passando do terceiro setor: a profissionalização, crucial para o seu desenvolvimento. “Estamos incentivando essa postura, mas a gestão é bastante modesta ainda entre as filantrópicas”, ele reconhece. Apresentado pela mídia como um mercado crescente e com grandes possibilidades de empregabilidade (entre outros fatores, depende mais da ação humana que de máquinas), o terceiro setor é ainda precário em muitos aspectos administrativos. Este parece ser o maior desafio imediato a ser vencido: juntar benefício social e ação política com eficácia. A se avaliar pela demanda que o Cets da FGV vem tendo, muita gente está de olho nesse mercado. Dentre os quase 30 cursos de educação continuada oferecidos pela Fundação, o de Organizações do Terceiro Setor é o que tem maior procura. “O setor está se modificando; são empresários, dirigentes de entidades religiosas, profissionais liberais, pessoas que estão saindo do âmbito privado e querem passar para o terceiro setor. Está havendo uma verdadeira revolução nesse campo”, aposta Merege, da FGV.

É nisso que acredita também o pesquisador Leopoldo Costa Jr., colega de Merege na FGV e autor do estudo “Terceiro Setor e Economia Social”, no qual afirma: “Com a crise das utopias, os projetos mais globais de mudança perderam espaço, mas isso não significa que não existam mais pessoas com ideais e dispostas a lutar por eles, muito pelo contrário. Agora, as pessoas têm uma alternativa para atuar na sociedade que é qualitativamente diferente da que tinham antes. Não precisam mais aguardar a vitória de seu projeto de sociedade. Podem começar a agir já, participando de sua comunidade”. ●

## Mercado

# Afinidades da psicologia com o terceiro setor

Um dos dados que mais vêm chamando a atenção dos especialistas e da mídia para o terceiro setor é seu crescimento, mesmo em países como o Brasil, em que a economia não vive um momento de expansão. O Instituto de Estudos da Religião, Iser, do Rio de Janeiro, divulgou recentemente os resultados de uma pesquisa que fez em parceria com a Universidade Johns Hopkins, dos EUA, que financiou estudos em 22 países sobre o terceiro setor. O Iser confirma: entre 1991 e 1995, o setor não-lucrativo cresceu 5% em sua participação relativa na oferta de empregos no Brasil, ao passo que o setor privado cresceu apenas 1,4% e o público diminuiu cerca de 5%. São ao todo cerca de 1,12 milhão de pessoas ocupadas com remuneração, quase o dobro dos servidores federais na ativa. Em 1995, as despesas operacionais das organizações sem fins lucrativos somaram cerca de 10,9 bilhões de reais, o que equivalia a 2,5% do nosso PIB. Se comparado ao

dos demais países incluídos na pesquisa da Johns Hopkins, o índice é baixo: a média de participação nos 22 países verificados é de 4,7%, o que no mínimo indica a existência de um bom potencial de crescimento no Brasil.

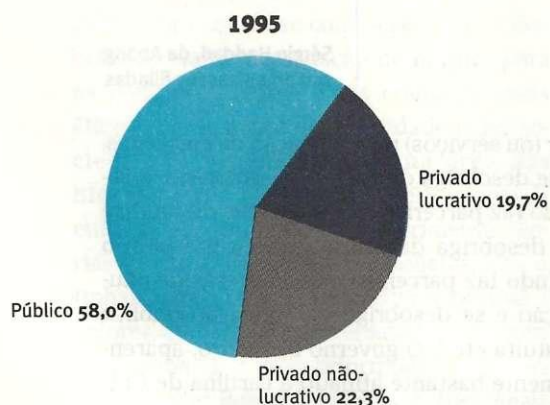
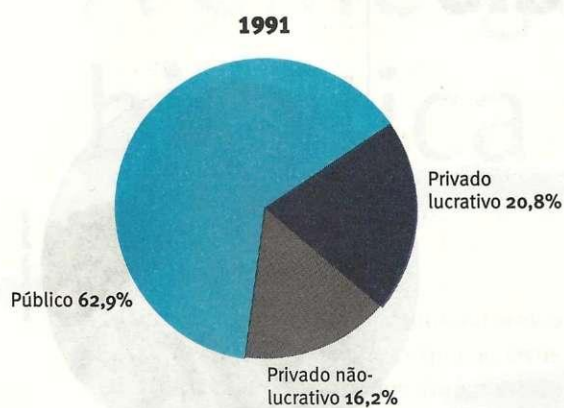
Do ponto de vista da ocupação de pessoal, as áreas que mais empregam no terceiro setor são tradicionalmente as de Educação/Pesquisa e Saúde, mas o estudo do Iser espanta ao mostrar que os maiores índices de crescimento de demanda ocorreram nas áreas de Associações Profissionais (e sindicais) e Desenvolvimento e Defesa de Direitos. Isso confirma, por um lado, a tese do desenvolvimento das organizações voltadas para o ativismo político, mas contraria, por outro, “o senso comum de que se vive desde os anos 80, em escala mundial, uma crise do sindicalismo e associativismo profissionais”. E no que diz respeito à participação por sexo, a pesquisa novamente surpreende: se em 1995 “cerca de 60% da

população ocupada no país era masculina e 40% feminina, no setor sem fins lucrativos a coisa se inverte: temos apenas 38,7% de homens e 61,3% de mulheres em atividades remuneradas”. Eis aí um ponto em que o terceiro setor mostra-se muito afinado com a Psicologia, majoritariamente exercida pelo sexo feminino. Mas, sobretudo, ele representa um campo vasto de atuação para o psicólogo, por ser composto por instituições que trabalham especificamente com o desenvolvimento humano, em qualquer das três grandes áreas que o compõem: as entidades filantrópicas, as ONGs e as instituições vinculadas a empresas.

Não existem ainda fontes estatísticas que mensurem a contribuição da Psicologia ao setor, mas não é difícil entender que ele seja um nicho de mercado para a categoria, pois reúne organizações que trabalham com questões como a sexualidade, a velhice, a discriminação racial, relativas a crianças, adoles-

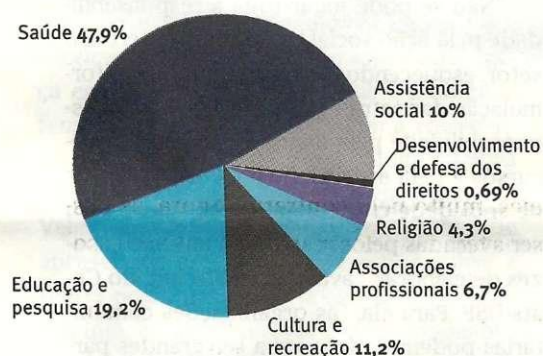


## Porcentagem do pessoal ocupado nos três grandes setores, Brasil



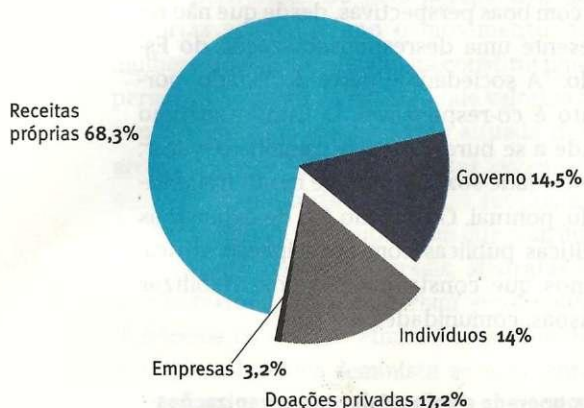
Fonte: Pesquisa comparativa Johns Hopkins - Iser

## Despesas operacionais nas organizações sem fins lucrativos, Brasil 1995



Fonte: Pesquisa comparativa Johns Hopkins - Iser

## Fontes de recursos das organizações sem fins lucrativos, Brasil 1995



Fonte: Pesquisa comparativa Johns Hopkins - Iser

centes, mulheres etc. "Tenho encontrado muitos colegas atuando na área. Acho que isso ocorre porque as fundações e institutos têm focado preferencialmente educação e desenvolvimento humano. Nessas áreas, o psicólogo tem os conhecimentos teórico e prático necessários ao desenho, implementação e avaliação de projetos. Daí a nossa presença nesse setor. Se reunirmos diferentes experiências desenvolvidas por organizações comprometidas com o direito de aprender e com o combate à exclusão social, veremos que a presença do psicólogo é muito significativa", avalia a psicóloga Cenise Monte Vicente, ex-coordenadora de Projetos da Fundação Ayrton Senna, atualmente consultora de instituições voltadas para a criança e o adolescente.

A média dos salários pagos pelo terceiro setor costuma ser entre 15% e 25% menor que a do setor lucrativo. Mas, mesmo assim, os profissionais contratados consideram o trabalho recompensador. "Principalmente porque ele apresenta uma dimensão ético-política: trata-se de um trabalho comprometido com um projeto de humanidade, e isso tem um valor especial. A recompensa não se restringe ao salário, os outros valores são agregados ao retorno", destaca Cenise. Além do trabalho em instituições filantrópicas ou financiadas por empresas, também as ONGs representam um espaço de trabalho significativo para a Psicologia. Entre as diversas

organizações não-governamentais ligadas à categoria, temos por exemplo o SOS Saúde Mental, que atua "no sentido de desmistificar e colocar o sofrimento mental no campo da determinação social", informa a psicóloga Isabel Cristina Lopes, integrante da organização. O SOS Saúde Mental trabalha com educação popular, promove pesquisas, participa do movimento antimanicomial, atua junto a comunidades e com formação; por exemplo recentemente promoveu, em conjunto com o Sedes Sapientiae, um curso para agentes comunitários de saúde mental, cuja primeira turma graduou-se em fevereiro.

Para a professora Rosa Fischer, do Ceats/USP, "há um certo exagero quando afirmam que esse setor será o grande empregador do futuro. Em primeiro lugar, ele ainda não o é; há pesquisas, como a do Iser, mostrando que certas organizações empregam um percentual significativo de pessoas, mas isso não pode ser veiculado como se fosse a panaceia para a crise do desemprego estrutural que avassala a economia moderna". Mas ela faz ressalvas: "O setor acena para um horizonte extremamente atraente, com a possibilidade de se trabalhar em algo que traz satisfação pessoal. Para quem é da área de Psicologia, acho esse fator essencial. Muitas pessoas têm redescoberto sua própria capacidade e redefinido seu projeto de vida a partir da experiência de trabalhar com essas organizações." ●

## População-alvo dos programas das empresas\*, Brasil 1999



\*Empresas podem atuar em mais de uma área.  
Fonte: Ceats - USP e Gife



Formatura dos Agentes Comunitários em Saúde Mental, curso promovido pela ONG SOS Saúde Mental. São Paulo, fev. 2000. Em destaque, Isabel Cristina Lopes, dirigente da ONG.

## Informações sobre o terceiro setor

### Cursos, estudos e debates

Fórum Permanente do Terceiro Setor do Senac-SP, Tel (11) 236-2210 e 570-8012  
Centro de Estudos do Terceiro Setor, Cets - FGV, Tel (11) 281-7700  
[www.fgvsp.br/integração](http://www.fgvsp.br/integração)  
Centro de Estudos em Administração do Terceiro Setor, Ceats - USP  
Tel (11) 818-5836  
Núcleo de Estudos de Administração do Terceiro Setor, Neats - PUC-SP  
Tel (11) 3670-8513

ONG SOS Saúde Mental  
Tel (11) 6682-2892

### Sites

Rede de Informações sobre o Terceiro Setor  
[www.rits.org.br](http://www.rits.org.br)  
Grupo de Institutos, Fundações e Empresas, Gife | [www.gife.org.br](http://www.gife.org.br)  
Filantropia/Prêmio Bem Eficiente (Kanitz Associados)  
[www.filantropia.org](http://www.filantropia.org)

Associação Brasileira das Organizações Não-governamentais, Abong  
[www.abong.org.br](http://www.abong.org.br)  
Instituto Ethos de Empresas com Responsabilidade Social  
[www.ethos.org.br](http://www.ethos.org.br)  
Federação das Santas Casas de Misericórdia, Hospitais e Entidades Filantrópicas do Estado de SP  
[www.fesehf.org.br](http://www.fesehf.org.br)



# Os descaminhos neoliberais na área social

“Mas, senhor, uma esmola para um homem que é são, ou lhe mata de vergonha ou vicia o cidadão”

Os versos contundentes do famoso baião “Vozes da Seca”, composto por Zé Dantas e Luiz Gonzaga no início dos anos 50, já tocava num tema que ainda hoje ronda o terceiro setor: o assistencialismo paternalista versus a ação transformadora. Gonzaga defendia a auto-estima do sertanejo e pedia menos caridade na carestia e mais programas de desenvolvimento, dos quais ainda hoje infelizmente o Nordeste – como todo o resto do país – permanece carente.

O Estado continua tratando a crônica miséria nacional como uma questão de caridade pública. O Comunidade Solidária trocou a embalagem, mas a esmola que envia aos rincões miseráveis do país é praticamente a mesma dos tempos de Getúlio Vargas. O presidente da Abong, Sérgio Haddad, avalia que o Comunidade Solidária tem uma proposta compensatória: “Política social se faz nos ministérios, e não através do Comunidade. É dos ministérios que a sociedade espera ações conseqüentes na área social”. Por exemplo, a alfabetização de adultos deveria ser, segundo ele, uma política de Estado, “e não apenas uma ação fragilizada como é a do Alfabetização Solidária, que depende de recursos de setor privado e de indivíduos que fazem doações por conta telefônica, dentro de uma lógica salvacionista que trata o cidadão analfabeto sem o respeito que uma política universal lhe traria”, argumenta. Foi essa discordância sobre a maneira como o atual governo tem tratado os problemas sociais brasileiros que acabou afastando as organizações não-governamentais do Comunidade Solidária. Simbolicamente, esse afastamento teve como marco o rompimento público entre o Ibase/Ação da Cidadania, de Betinho, com o Comunidade, pouco antes da morte do sociólogo, ocorrida em 97.

O fato é representativo também de um movimento que vem ocorrendo não apenas no Brasil, mas na Europa e nos EUA. Foram manifestantes ligados a ONGs que levaram ao fracasso o encontro de cúpula internacional durante a 3ª Conferência Ministerial da Organização Mundial do Comércio, ocorrida entre 30 de novembro e 5 de dezembro de 99, em Seattle, EUA. Eram outra vez eles que protestavam no Fórum Econômico Mundial, em Davos, Suíça, em fins de fevereiro. Foram ONGs que denunciaram a exploração de mão-de-obra infantil pela Nike (fazendo com que as vendas da empresa caíssem 50%), e que acusaram a British American Tobacco, proprietária da Souza Cruz, de incentivar o contrabando de cigarros, no início de fevereiro. Diariamente, vemos nos jornais notícias de ONGs se manifestando pelas causas mais diversas, em diversos países. A forte presença social dessas organizações em todo o mundo tem dado visibilidade e transformado esse segmento específico do terceiro setor numa força expressiva no jogo político

contemporâneo. “A idéia de participação política das organizações não-governamentais está muito mais dentro da lógica do simbolismo das ações que pela demonstração de força ou pelo número de pessoas. A ação do Greenpeace reflete isso: é um barquinho no meio do mar contra um navio. Vale o símbolo. As ONGs aparecem hoje como um modo moderno de fazer política, mais atual. Elas passam mais credibilidade pública. Há muitos jovens querendo montar ONGs, até porque eles têm poucos canais para atuar socialmente e as formas tradicionais de gestão política estão em crise de representação. Mas elas não substituem os partidos, nem têm essa função”, comenta Haddad, da Abong.

É nesse contexto que os governos têm buscado uma aproximação maior com essas entidades, através da formação de parcerias em projetos envolvendo Estado e terceiro setor. Esse caminho é mais detalhadamente elaborado como “projeto de gestão governamental” pelo sociólogo inglês Anthony Giddens, mentor das idéias que norteiam o governo do primeiro-ministro britânico Tony Blair, do Partido Trabalhista, e foram nomeadas com o título sugestivo de “Terceira Via” (nome do livro de Giddens, lançado aqui pela Record). O termo terceira via não é novo. Foi resgatado pela social-democracia européia, segundo a filósofa Marilena Chauí (em artigo publicado na FSP, 19/12/99), a partir de conceitos dos tempos da Guerra Fria, quando “entre a direita reacionária e/ou conservadora liberal e a esquerda revolucionária e/ou totalitária, a social-democracia era a terceira via”. Como Giddens considera que hoje não faz mais sentido pensar a sociedade polarizada entre “direita e esquerda”, propõe como alternativa uma terceira via, que no fundo é “clone” da velha social-democracia.

E a proximidade entre a terceira via e o terceiro setor não fica apenas no nome. Em sua cartilha, Giddens preconiza ao Estado, definido como “sociedade do bem-estar”, “investir em capital humano e não pagar diretamente os benefícios”. Por exemplo, explica Marilena Chauí, o Estado “faz parcerias com empresas, sobretudo as do terceiro se-



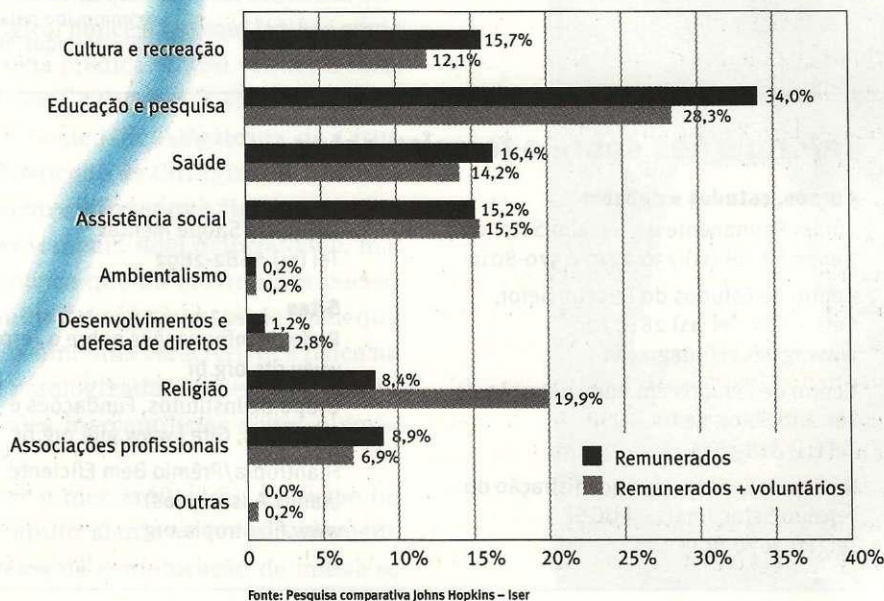
foto | Osmar Bustos

Sérgio Haddad, da Abong: 250 organizações filiadas

tor (ou serviços) para a criação de empregos, e se desobriga do salário-desemprego; o Estado faz parcerias com empresas de saúde e se desobriga da saúde pública gratuita; o Estado faz parcerias com empresas de educação e se desobriga da educação pública gratuita etc.”. O governo brasileiro, aparentemente bastante afinado à cartilha de Giddens, tem acenado com propostas nessa direção. E é justamente esse canto de sereia da terceirização das obrigações sociais do Estado para instituições do terceiro setor que gera preocupação.

“Não se pode jogar toda a responsabilidade pela ação social nas costas do terceiro setor, esquecendo que ao Estado cabe a formulação das estratégias de ação social, a responsabilidade pela distribuição justa de recursos e pela articulação com organizações de sociedade civil competentes, que devem ser avaliadas pelos resultados que são capazes de elaborar”, avalia Rosa Fischer, do Ceats-USP. Para ela, “as organizações comunitárias podem de fato vir a ser grandes parceiras para a execução de programas governamentais, desde que estejam envolvidas a partir da concepção e sejam estimuladas a trabalhar com tecnologias de gestão modernas e efetivas”. Também a psicóloga e consultora Cenise Monte Vicente vê essa parceria com boas perspectivas, desde que não represente uma desresponsabilização do Estado: “A sociedade é parte do Estado, portanto é co-responsável. O Estado sozinho tende a se burocratizar e caminha devagar; a sociedade sozinha atua de modo fragmentado, pontual. O caminho é o de delinear as políticas públicas com participação crítica. Temos que construir caminhos; viabilizar pessoas, comunidades e o país”.

Pessoal ocupado, remunerado e voluntário, nas organizações sem fins lucrativos, Brasil 1995







cia coletiva? O grande drama que a gente vive é sustentar o modelo democrático numa sociedade que se pretende eficiente. Quando ouvimos pessoas defendendo a pena de morte, essa defesa é feita em nome da eficiência. Eu acho que a psicoterapia,

embora não tenha nada diretamente a ver com isso, está lidando com a mesma questão. A sedução da eficiência é um perigo quando não alerta para essa relação intrínseca entre eficiência e violência. Mas a ausência radical de eficiência se torna, ela também, uma forma disfarçada de violência.

**Odette** - *Como Boss, fundamentado em sua aproximação com Heidegger, inova e contribui para o nosso entendimento da doença mental ou, mais amplamente, da doença?*

**Pompéia** - A grande inovação que Boss faz, partindo das reflexões de Heidegger, é, em primeiro lugar, um questionamento do conceito de realidade. O conceito de realidade sempre foi tomado como uma referência básica para a determinação do que chamamos de doença mental. Genericamente se diz que uma pessoa é um doente mental quando está "fora da realidade". Acho que a grande contribuição de Boss foi ter questionado o que nós chamamos de realidade e reeditado uma discriminação entre saúde e doença mental a partir não mais de um princípio de adequação, coisa que sempre foi feita, mas garantindo essa diferença a partir do conceito de liberdade. O problema do louco, para Boss, não é que ele está fora da realidade - até porque nós nem conseguimos definir claramente esse conceito... A realidade não é o âmbito onde o humano vigora na sua maior potência. Quem está o tempo todo na realidade é o animal. Quando o humano está muito dentro da realidade, ele está virando bicho. Por outro lado, o problema do doente é que ele está perdendo a liberdade e, tanto

é verdade, que o que caracteriza o processo mórbido, nas suas versões psicótica ou neurótica, é exatamente a estereotipia, a perda da variabilidade do comportamento. O comportamento vai se enrijecendo e de tal modo se estreita que pode ser definido por um conceito, como a depressão, a mania... A grande contribuição é a transformação da relação entre terapeuta e paciente, no caso da doença mental. Tira-se o conceito de realidade e coloca-se a referência da liberdade, que permite compreender e distinguir de maneira suficientemente adequada sem trazer todos os preconceitos com os quais o conceito de realidade está marcado.

**Odette** - *Do jeito que você está colocando, o doente mental teria perdido um pouco da espontaneidade? Fale um pouco da espontaneidade...*

**Pompéia** - O conceito de espontaneidade precisaria ser inserido dentro de algum contexto teórico definido. Em Moreno, ele está profundamente identificado com a criatividade. E a criatividade está fundamentada num conceito de liberdade frente às "conservas culturais". Se pensarmos o conceito de espontaneidade dentro do senso comum, a palavra é uma referência muito rica, mas também muito limitada, porque nenhum adulto consegue competir, em termos de espontaneidade, com uma criança. E defender a idéia de espontaneidade isoladamente é, na verdade, pedir que o adulto se comporte como uma criança. A espontaneidade é freqüentemente imediatista e ignora não só o desdobramento do tempo como as consequências de determinadas posições, comportamentos, ações. Por outro lado, aquilo que retira a espontaneidade e se opõe a ela é um processo de repressão oriundo da submis-

são a um padrão já existente. Antigamente, as pessoas pensavam na educação de uma criança como um processo de conformar a criança aos valores sociais. Quando eu era pequeno, as pessoas diziam que "a criança é como um barro que ainda não foi moldado". A função do educador seria modelar essa criança, para que ela tivesse uma configuração ideal. Se o que se opõe à espontaneidade é esse processo que imprime e submete, então a espontaneidade fala de uma libertação frente a esse padrão. Mas, se a gente não tomar cuidado, voltamos a defender uma perspectiva de infantilização geral. Teve uma época em que a máxima do "seja você mesmo" significava ignorar os outros, o mundo, o depois, o ontem. Ou seja, reaja como um bebê! Criou-se, especialmente dentro da psicologia norte-americana, por uma certa ingenuidade teórica, um movimento em que o ideal do homem saudável era virar uma criança à solta no mundo, incapaz de tolerar frustrações, de aceitar limites, de pensar nos outros, de ter uma consciência crítica de si mesmo - e, principalmente, incapaz de fazer contato com o mistério. Porque a espontaneidade sempre acontece na clareza. Como você pode ser espontâneo no mistério?

o fogo dos deuses. O que fazer disso não é problema nosso, diziam os cientistas, porque quem decide são os políticos e quem executa são os militares. É a mesma coisa que você pegar um revólver 45 e dar para o seu filhinho de 3 anos brincar, sabendo que ele não tem condições de avaliar o que é aquilo que você está dando para ele. Saber como fazer é muito mais uma fonte de problemas do que uma fonte de soluções. Você precisa saber o "para que você vai usar isso" e o "por que você está usando isso". A técnica não se debruça sobre essas duas questões, só diz o como... Mas é obrigatório que a gente cobre isso de quem usa a técnica. Isso significa que uma vez que você se tornou capaz de fazer alguma coisa, tem que responder a problemas que muitas vezes você não tinha nem sabia como responder. Daqui a 50 anos, toda pessoa que resolver ter filhos vai ter que decidir se vai comprar um embrião geneticamente perfeito na farmácia ou se corre o risco irresponsável e narcisista de ter um filho de seu parceiro... Eu não tive que resolver esse problema, graças a Deus, porque eu não saberia como... As pessoas se esquecem de que "poder" escolher significa "ter" que escolher. Não adianta criar potências na forma

**“O problema do louco, para Boss, não é que ele está fora da realidade – até porque nós nem conseguimos definir claramente esse conceito... A realidade não é o âmbito onde o humano vigora na sua maior potência. Quem está o tempo todo na realidade é o animal. Quando o humano está muito dentro da realidade, ele está virando bicho”**

**Pedrosa** - *Como a técnica faz com que olhando através dela tudo se torne um objeto, vivemos hoje a ditadura do objeto. Que sentido tem a terapia dentro desse contexto?*

**Pompéia** - Tem duas instâncias que são extremamente problemáticas na técnica. A primeira é que entendemos a técnica no sentido da tecnologia, e não como na origem etimológica da palavra, no grego, que tem outra acepção. No sentido atual, ela se debruça exclusivamente na dimensão do *know-how*. A técnica é o "como" você faz. Quando, em 1945, os cientistas produziram a bomba atômica, foram questionados a respeito da ética das suas condutas, por terem produzido um instrumento que em segundos eliminou mais de 100 mil vidas, em Hiroshima. A primeira resposta foi: "A bomba representa uma conquista, o homem ganhou uma capacidade". Sem dúvida nenhuma, a bomba atômica é literalmente o fogo que Prometeu roubou dos deuses, já que ela e sua irmã, a bomba de hidrogênio, representam a natureza das reações físico-químicas que ocorrem no interior das estrelas. Então, o homem criou

de *know-how* e deixar um vazio enorme, como o que estamos vivendo. Nunca o homem foi tão potente como é no final do século 20. Agora, o quadro patológico característico dos anos 90 deste nosso mundo globalizado é a depressão. Ou seja, o homem que se tornou parceiro dos deuses está deprimido, se encolhendo, entrando em síndrome de pânico. Para viver hoje, uma pessoa depende de uma quantidade tão grande de elementos fora do seu alcance como nunca aconteceu em nenhuma outra época da História. Uma fazenda do interior, no século passado, era uma comunidade quase auto-suficiente. Se nós, hoje, ficarmos três dias sem energia elétrica, as pessoas vão se matar. Heidegger diz que esquecemos a essência da técnica; ela é mais do que dominar, produzir e controlar, criar processos que viabilizam a satisfação de desejos. A técnica se dispõe como recurso através do qual eu me torno capaz e, portanto, responsável por cuidar do mundo onde vivo. Mundo significa, em primeiro lugar, os outros, eu mesmo e a natureza. ●

## Diálogos com Maria Helena Souza Patto, em abril

O Projeto Diálogos terá continuidade no próximo dia 4 de abril, recebendo como convidada a psicóloga Maria Helena Souza Patto, professora doutora do Departamento de Psicologia da Aprendizagem e do Desenvolvimento do Instituto de Psicologia da USP. A entrevista acontecerá no auditório do CRP SP, a partir das 20 horas, aberta ao público. As vagas são limitadas e reservas podem ser feitas na Secretaria do Conselho. Participe!



# A psicologia do esporte ao pé da letra

É comum ouvir, daqueles que se interessam mas ainda não atuam na área de psicologia do esporte, comentários sobre a escassez de bibliografia e a dificuldade de encontrar títulos com alguns anos de lançamento. Parte dessa reclamação é verdadeira. As bibliotecas com os maiores acervos em psicologia do esporte estão nas faculdades de Educação Física, e não nas de Psicologia, o que contribui muito com o mito da falta de produção. Vale lembrar que só a biblioteca da Escola de Educação Física e Esporte da USP conta com mais de 50 títulos de vários países, além de vários periódicos internacionais, especificamente da área.

Consultando as livrarias virtuais, também é possível encontrar centenas, senão milhares de títulos que vão de temas gerais com grandes apresentações da área até livros específicos sobre personalidade, motivação, treinamento mental ou coesão em equipes esportivas, nas mais diversas linhas de atuação, com grande destaque para a produção behaviorista e cognitivista, em outros idiomas que não o português. Apesar da grande quantidade de material internacional, fruto de um século de trabalhos na área, no Brasil também temos publicações com quase 40 anos, demonstrando o longo caminho já percorrido. Editado pela editora Civilização Brasileira, em 1964, temos "Futebol e Psicologia" de Emílio Myra y Lopes e Athayde Ribeiro da Silva. Nessa obra podemos conhecer um pouco do trabalho do psicólogo Athayde realizado junto à Seleção brasileira de futebol bicampeã mundial em 1962.

É do psicólogo João Carvalhaes, pioneiro da psicologia do esporte no Brasil, o livro "Um Psicólogo no Futebol: Relatos e Pesquisas" (Editora Esporte Educação, 1974). Tendo atuado no São Paulo FC durante 19 anos e na Se-

leção brasileira de futebol campeã em 1958, Carvalhaes descreve sua forma de intervenção nessas equipes e discute, com base nos referenciais teóricos da época, temas como perfis psicológicos e dinâmica de grupo. Apesar de históricos, esses dois títulos estão fora de catálogo já há algum tempo.

Na década de 80, foram traduzidos alguns livros que durante vários anos foram a referência tanto para trabalhos práticos como acadêmicos. "Psicologia nos Esportes: Mitos e Crenças", de Robert Singer (Harper & How, 1982), "Psicologia no Esporte", de Bryant Cratty (Prentice Hall do Brasil, 1983) e "Esporte: Uma Introdução à Psicologia", de Alexander Thomas (Ao Livro Técnico, 1984) foram consideradas obras de referência, entre outros fatores pela falta de produção brasileira. Nos anos 90, essa realidade se transforma com a edição de várias obras, como a de Olavo Feijó, "Corpo e Movimento: Uma Psicologia Para o Esporte" (Shape, 1992), em que, a partir do referencial da psicologia existencial, o autor discute e propõe uma forma de intervenção sistêmica e holística no esporte. Nesse mesmo ano é lançado "Psicologia do Esporte: Teoria e Aplicação Prática", de Dietmar Samulski (Imprensa Universitária/UFMG), com uma apresentação abrangente de temas relevantes em psicologia do esporte e os vários cam-

pos de atuação possíveis, constituindo-se num título indispensável para quem atua ou deseja atuar na área.

Em 1997, fruto de um trabalho que envolveu alunos e professores de vários cursos de Educação Física, surge "Psicologia do Esporte: Temas Emergentes" (Ápice), organizado por Afonso Machado, com uma vasta discussão sobre a relação entre Psicologia e esporte. Também nesse ano é lançado "Psicologia do Esporte" (Alínea), organizado por Marcelo Buriti, em que são apresentados vários relatos de pesquisa e considerações sobre temas como *stress*, iniciação esportiva e torcida. Em 1998, Benno Becker Jr. e Dietmar Samulski lançam o "Manual de Treinamento Psicológico para o Esporte" (Feevale), obra que fornece subsídios para a comissão técnica e equipe de apoio lidarem com atletas, desde o nível escolar até o alto rendimento. Nessa mesma linha e um pouco mais ampliado, Benno Becker Jr. lança em 2000 o "Manual de Psicologia do Esporte & Exercício" (Novaprova).

Como disse no início, a produção em psicologia do esporte já é vasta e não pára de crescer. Falamos aqui apenas de algumas obras de autores nacionais que estão estudando e atuando em psicologia do esporte há algum tempo, esforçando-se para concretizar aquilo que parecia ser um sonho. Existem ainda vários títulos que aproximam o esporte da Psicologia por intermédio de uma modalidade, como "Competência Emocional" (Ed. Gente, 1998), de Suzy Fleury, e "Psicoenergética Aplicada ao Esporte" (Letras e Letras, 1996), de João Roberto de Souza. Eles relatam experiências ou o uso de técnicas e linhas de intervenção específicas, mas que não discutem a psicologia do esporte enquanto área de atuação e campo de intervenção. O tema é amplo e está longe de se esgotar.

**Katia Rubio**

Conselheira do CRP SP

## Evento

### ENCONTROS E DESENCONTROS E DESENCONTROS E

#### descobrimos a psicologia do esporte

Dias 5, 6 e 7 de maio

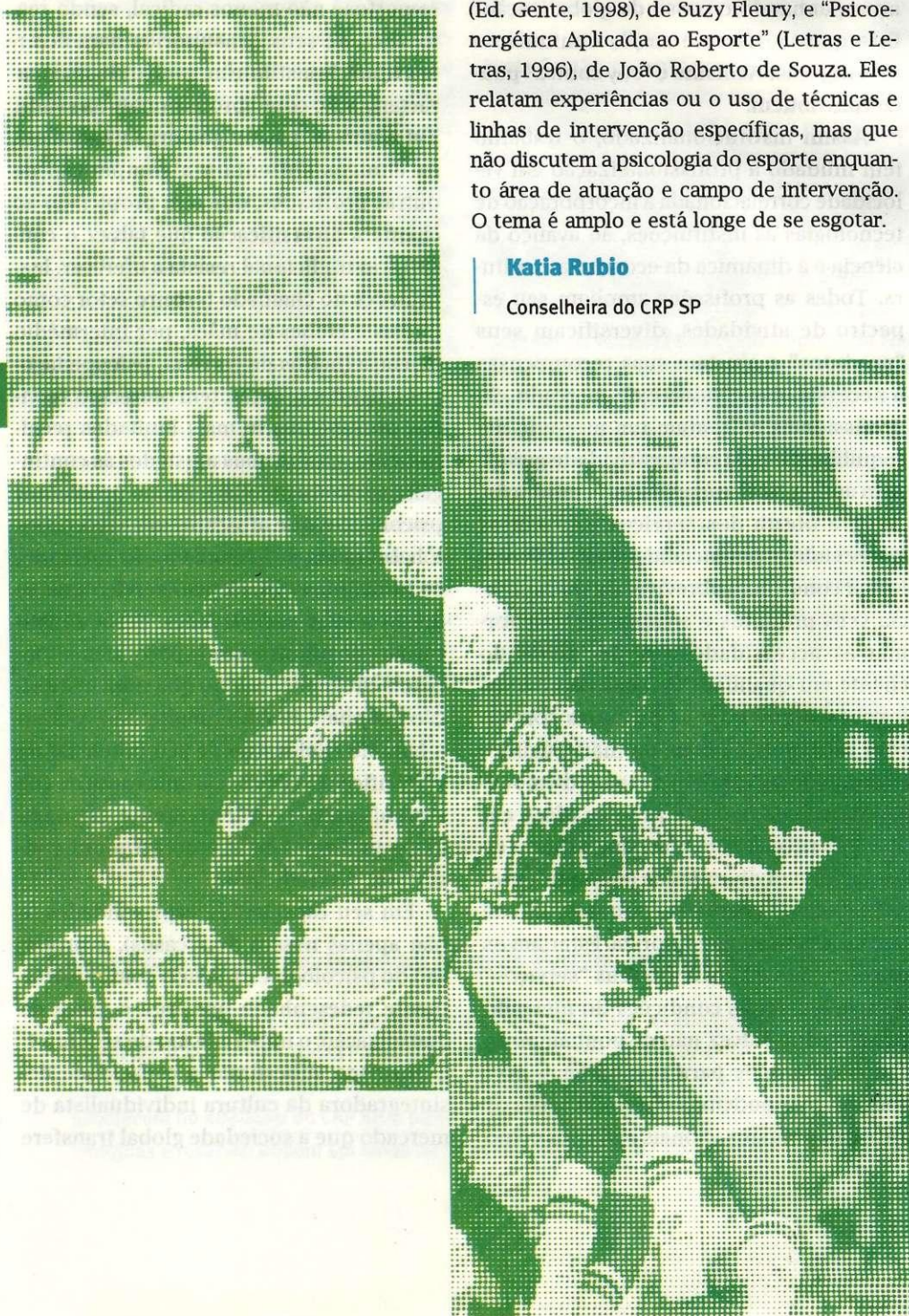
Auditório do CRP SP

Aberto a psicólogos e profissionais de educação física e esporte

Inscrições limitadas

Palestras, relatos de experiências, exposição de painéis de trabalhos e lançamento de livros

Informações na Secretaria do CRP SP





# Em debate, a psicologia em espaço virtual

O Grupo de Trabalho sobre Atendimento Mediado pelo Computador (psicoterapia pela Internet) tem realizado uma reflexão sistemática sobre a interface entre Psicologia e informática, inclusive a chamada "psicoterapia pela Internet", uma prática ainda não reconhecida. O grupo de trabalho tem discutido as possibilidades, limites e perigos dessa prática. Também pesquisa outros caminhos mais amplos e reconhecidos de atuação dos psicólogos utilizando a informática. Para isso, é feito um levantamento das pesquisas já existentes que tenham reconhecimento científico.

A polêmica psicoterapia pela Internet pode ser considerada como um sintoma de um problema mais amplo, que é o impacto da informatização na sociabilidade e na subjetividade humana. Temos por isso procurado esclarecer que a questão da informática: 1) não é alheia à Psicologia e 2) não é politicamente neutra, ou seja, há posições progressistas e retrógradas com relação a diversas áreas de estudo e de atuação, como a ciência cognitiva, a psicologia informatizada e o atendimento psicológico mediado pelo computador, que incluem práticas reconhecidas e não reconhecidas.

A chamada "questão da informática" envolve, entre outros, debates sobre os espaços virtuais de sociabilidade e intersubjetividade; a ocupação humana do ciberespaço; a automação de alguns aspectos das relações sociais e pessoais; a automação do pensamento humano; a difusão de modelos alienantes (e não alienantes) de ser humano baseados na tecnologia, cibernética, robótica, informática e telemática. Tais modelos de ser humano, amplamente difundidos, são tanto científicos quanto espontâneos (estes últimos pertencentes à chamada *folk psychology*, ou psicologia popular, o modo leigo de pensar a Psicologia). Alguns desses modelos alienantes pertencem ao que Katherine Hayles chamou de concepção do "pós-humano", a qual critica em seu livro "How We Became Posthuman" (Como nos Tornamos Pós-humanos). Esses modelos acabam tendo uma grande aceitação também por parte de psicólogos e do público leigo. É importante que a Psicologia tenha um posicionamento mais crítico a respeito. O CRP SP, ao debater a questão da psicoterapia pela Internet, prática não reconhecida que não obstante exerce certo fascínio, reconhece a profundidade do pro-

blema e tem como proposta promover discussões e divulgar reflexões sobre essa temática. A tarefa de criar espaços de debate, informação e esclarecimento tem sido realizada, em parte, com a publicação de artigos aqui no jornal *Psi*, bem como com a criação de uma área no site do CRP SP, onde há um webfórum, que pode ser acessado em [www.crp.org.br/atmc](http://www.crp.org.br/atmc).

Além disso, há um ano o Grupo de Trabalho sobre Atendimento Mediado pelo Computador desenvolve discussões on-line em uma lista de discussão própria, bem como promove reuniões presenciais, que resultaram em uma proposta de redação para uma resolução relativa à psicoterapia pela Internet, ainda a ser apreciada pelos demais Conselhos de Psicologia e pelo CFP. Ao elaborar essa proposta de redação, o grupo de trabalho observou alguns tópicos que merecem ser mais bem aprofundados como, por exemplo, o fato de que pesquisas em Psicologia e informática envolvem seres humanos. É importante realizá-las dentro de parâmetros éticos muito bem definidos. As Diretrizes de Pesquisas com Seres Humanos, publicadas na Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Pesquisa, do Ministério da Saúde, são aplicáveis a quaisquer pesquisas envolvendo seres humanos, não somente da área de ciências biomédicas.

Para esclarecer melhor as implicações éticas do tema, o Grupo de Trabalho sobre Atendimento Mediado pelo Computador estará realizando em abril o Simpósio de Psicologia e Informática, aberto a todos os psicólogos interessados. Outros tópicos que serão abordados são: a diferença entre psicoterapia pela Internet (prática não reconhecida) e orientação psicológica (prática reconhecida); relatos de experiências e possibilidades de atuação do psicólogo com o computador; sigilo e privacidade nas comunicações on-line; patologias ligadas ao uso do computador; reflexões sobre a relação homem-técnica e os impactos individuais e sociais da informatização; e pesquisas realizadas na área de interação humano-computador, que são relevantes para a atuação do psicólogo em informática.

**Elisa Sayeg**

[cyborg@uol.com.br](mailto:cyborg@uol.com.br)

## Simpósio de Psicologia e Informática

**Datas | dias 7, 8 e 9 de abril**

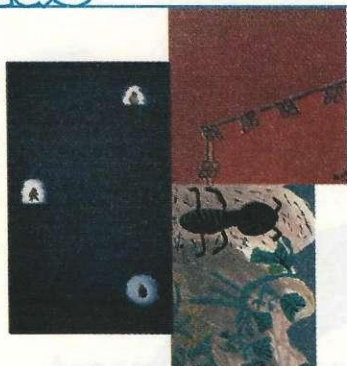
**Local | auditório do CRP SP**

**Rua Arruda Alvim, 89, Jardim América, São Paulo, SP**

**Inscrições pelo telefone (11) 3061-9494**

**Informações também em [www.psipesquisa.com.br/simposio](http://www.psipesquisa.com.br/simposio)**





## Exposição reunirá ganhadores do Prêmio Arthur Bispo do Rosário

As obras que receberam menção honrosa e as três primeiras colocadas no 1º Prêmio Arthur Bispo do Rosário de Artes Plásticas integrarão uma mostra que será aberta com coquetel no dia 13 de abril, quinta-feira, a partir das 19h30, no saguão da sede do CRP SP. Na ocasião, serão entregues os prêmios a Luiz Roberto Guilger, de Campinas, Gustavo Kaneviecher, de Santo André, e Rosângela Pereira da Silva, de Diadema, vencedores dessa primeira edição do concurso. O Prêmio Arthur Bispo do Rosário homenageia a figura singular do artista sergipano, que passou quase 50 anos como interno da Colônia Juliano Moreira, no Rio de Janeiro, e, após os anos 80, teve sua obra descoberta e valorizada internacionalmente. Concorreram ao Prêmio mais de 100 artistas usuários do serviço de saúde mental do Estado de São Paulo. A exposição estará aberta à visitação do público em geral por 30 dias a partir da data de abertura.

## INEF INSTITUTO DE ESTUDOS E ORIENTAÇÃO DA FAMÍLIA

Fundado em 1972

Formação de Psicoterapeutas | 17ª turma  
Curso sobre Família | 4ª turma  
Grupos de Estudos | Freud / M. Klein  
Grupos de Estudos | supervisão Psicoterapia crianças

Tels. 3667-8688 ou 826-4030

## Pós-Graduação Nível Lato Sensu

Especialização em Aconselhamento Hospitalar  
Especialização em Aconselhamento Familiar

Duração: 2 anos. Aulas em um final de semana por mês.  
Carga horária 375 h/ano (teórico/prático).

Formação interdisciplinar p/ atuação multidisciplinar.

## ISBL Faculdade de Teologia

(Fundada 1954)

R. Joaquim Antunes, 767 - Pinheiros, São Paulo, SP  
Fone (11) 3644-7039 - E-mail possp@isbl.org

## IPPIA Instituto de Psiquiatria da Infância e Adolescência

Credenciado pelo Depto. de Psicoterapia da Associação Brasileira de Psiquiatria  
Direção: Dra. Amélia Thereza de Moura Vasconcellos, psiquiatra e psicanalista

## Curso de Formação e Reciclagem em Psiquiatria e Psicoterapia de Crianças e Adolescentes

Duração: 2 anos, 10 h/semana (terças e/ou sextas-feiras, manhã e/ou noite).  
Início: março 2000  
Seminários, aulas práticas, supervisão clínica e fundamentação teórica: Integração Biopsicossocial da Personalidade; Psicopatologia Infanto-juvenil; Técnica Diagnóstica e Terapêutica com Referencial Psicanalítico, Estudos de Autores Básicos: Freud, M. Klein, Winnicott

Informações e inscrições p/ entrevistas de seleção: Al. Santos, 2.384, sl. 1, fone/fax: (11) 282-0180

## SÉRIE DE DEBATES

## A psicologia no mundo do trabalho

Local dos eventos | auditório do CRP SP  
Vagas limitadas a 130 lugares  
Inscrições antecipadas | Secretaria do CRP SP

Tema | **O Mundo do Trabalho e os Caminhos de Recursos Humanos**

21 de março | terça-feira | 20h00

Tema | **Qualidade de Vida no Trabalho e Sofrimento Psíquico**

30 de março | quinta-feira | 20h00

Tema | **O Psicólogo Atuar em RH: Papel Profissional e Compromisso Social**

4 de maio | quinta-feira | 20h00

Tema | **A História da Psicologia e as Relações de Poder**

1º de junho | quinta-feira | 20h00

**DisoFreud**® SP (011) 815-3344 BIP 6R29 / RJ (021) 442-2430 | OBRAS COMPLETAS - NOVA EDIÇÃO - GARANTIA PORTUGUÊS - 24 VOLUMES - EDITORA IMAGO | À VISTA R\$ 520,00 OU 4 X R\$ 150,00 ATENDEMOS EM TODO O BRASIL, ENTREGA EM DOMICÍLIO

O mercado de trabalho quer mais que um curso superior. Por isso, vá além. Faça pós-graduação na **UNICSUL**. Escolha um dos nossos cursos e descubra que você pode ir muito mais longe.

## Cursos de Pós-Graduação:

### EXTENSÃO

#### Ciências Exatas

- **Análise Técnica I: Gráficos**  
Duração: 3 meses
- **Tópicos de Cálculo Avançado**  
Duração: 2 meses

#### Engenharia Civil/Sanitária

- **Habituação Popular para Regiões Rurais e das Periferias Urbanas: Projeto e Construção**  
Duração: 2 meses

#### Psicologia

- **A Clínica Psicanalítica segundo Winnicott**  
Duração: 3 meses
- **Aspectos Psicológicos do Ciclo Gravídico Puerperal**  
Duração: 4 meses
- **Capacitação para Psicólogo Responsável pela Avaliação Psicológica e Psicólogo Perito Examinador de Trânsito**  
Duração: 3 meses

### LATO SENSU

#### Comunicação e Artes

- Duração: 18 meses

#### Didática no Ensino Superior

- Duração: 18 meses

#### História e Cultura

- Duração: 18 meses

#### Informática na Educação

- Duração: 15 meses

#### Língua Portuguesa

- Duração: 13 meses

#### Psicopedagogia

- Duração: 18 meses

Um bom emprego depende de um bom preparo.

**UNICSUL**  
UNIVERSIDADE CRUZEIRO DO SUL  
**A ESCOLHA CERTA**

Campus I: Av. Dr. Ussiel Cirilo, 204 - CEP 08060-070 - São Paulo - SP  
e-mail: pos@unicsul.br • www.unicsul.br

Tels. (11) 6137-6734/6956-2979



# Psicólogos podem receitar florais de Bach?

O assunto é polêmico e por isso mesmo tem sido detidamente analisado pela Comissão de Orientação, com o objetivo de responder às inúmeras solicitações que nos chegam a respeito. Há, por um lado, os que justificam a utilização dessas práticas pelo psicólogo e, por outro, indignação e denúncias dos que já se sentiram em algum momento prejudicados por esses serviços.

A atual gestão do CRP SP tem pautado suas ações pelos princípios que foram amplamente discutidos nos Congressos Nacionais de Psicologia. Práticas como essa, antes denominadas "práticas alternativas", não se constituem como integrantes do campo da ciência da Psicologia. Isso porque não existe nenhum antecedente de intervenções dessa natureza (ingestão de substâncias de qualquer natureza) fundamentadas por teorias psicológicas.

Quando adotamos uma conduta, precisamos em princípio verificar se a mesma está de acordo com o conhecimento aceito e reconhecido pela ciência. Se em

nossas atividades inserirmos práticas que podem trazer algum grau de risco à saúde das pessoas submetidas aos procedimentos, podemos estar incorrendo em grave erro. O objetivo da Psicologia, enquanto ciência, é prestar serviços em sua área, recorrendo aos métodos disponíveis e reconhecidos; novas técnicas podem vir a ser adotadas mas, para isso, são necessárias pesquisas pautadas em normas éticas. São esses os fundamentos das resoluções do Conselho Federal de Psicologia sobre a questão.

Algumas dessas práticas nos chegam a partir de estudos realizados em outros países. Os florais de Bach, por exemplo, foram estudados pelo médico inglês Edward Bach na década de 30. As informações disponíveis sobre esses estudos por vezes confundem os usuários, e até mesmo psicólogos, que acreditam estar diante de práticas cientificamente comprovadas, o que efetivamente ainda não ocorreu.

Em defesa dos florais de Bach surgem argumentos, como é comum ouvir daqueles que já os utilizaram, alegando que "realmente causam efeitos". O problema é que estamos lidando com remédios (aparentemente inócuos, serão mesmo?) ainda não estudados suficientemente nem comprovados quanto aos efeitos de sua ingestão. O psicólogo que receita esses florais está em desacordo com o seu Código de Ética em pelo menos dois artigos: o 1º, que define como dever fundamental do psicólogo "prestar serviços psicológicos em condições de trabalho eficientes, de acordo com os princípios e técnicas reconhecidos pela ciência, pela prática e pela ética profissional" (alínea C), e o artigo 38, que veda ao psicólogo "propor atividades e recursos relativos a técnicas psicológicas que não estejam reconhecidas pela prática profissional". Convém relê-los com atenção e refletir sobre esse aspecto do exercício profissional antes de tomar qualquer atitude. ●

## Agenda

### Março

**[16 a 18] I Jornada Brasileira de Psicologia em Hospital Geral – A Saúde da Mulher na Virada do Século**

Local: Centro de Convenções Rebouças – Av. Rebouças, 600, São Paulo, SP. Informações: Av. Dr. Enéas Carvalho Aguiar, 23. Tel: (11) 881-1344, fax: (11) 881-1125 e 3069-6459. Home-page: <http://www.hcnet.usp.br/ccr>.

**[24 a 25] Simpósio Internacional: A Clínica do Tratamento Afetivo Bipolar (Gruda)**

Organização: Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da USP. Local: Centro de Convenções Rebouças – Av. Rebouças, 600, São Paulo, SP. Informações: (11) 3069-6648.

**[31 a 3/4] Debate: O Adolescente em Conflito com a Lei**

Organização: Centro de Estudos Psicanalíticos, CEP. Horário: 20h30. Local: Rua Dr. Acácio Nogueira, 6, Pacaembu, São Paulo, SP. Tel: (11) 864-2330, 3865-0017 e 3676-1513. CEP: 01248-040.

**[31] Filme "Kolya, uma Lição de Amor" (tema: Infância)**

Com comentários de Isabel Viluts, psicóloga, e Wagner Ranna, pediatra. Videoclube CRP SP. Local: Auditório da Sede do CRP SP. Horário: 19h00. Reservas na Secretaria: (11) 3061-9494, ramal 130.

### Abril

**[28] Filme "Vamos Nessa!" (tema: Adolescência)**

Com comentários de Heidi Tabacof, psicóloga, e Auro Danny Lascher, psiquiatra. Horário: 19h00. Videoclube CRP SP. Local: Auditório da Sede do CRP SP. Reservas na Secretaria: (11) 3061-9494, ramal 130.

**[29] Fórum Paulista de Avaliação Psicológica**

Organização da Comissão de Avaliação Psicológica CRP SP. Local: Auditório da Sede do CRP SP. Informações na Secretaria: (11) 3061-9494, ramal 130. E-mail: [info@crpsp.org.br](mailto:info@crpsp.org.br)

### Maio

**[18] Fórum da Luta Antimanicomial**

Organização e informações: Comissão de Saúde Mental. Local: Subsede do CRP SP de São José do Rio Preto – Rua Coronel Spínola de Castro, 3360, 2º andar, Bloco B, Edif. Firenze, Centro, S.J. do Rio Preto, SP. E-mail: [crpsjrp@zaz.com.br](mailto:crpsjrp@zaz.com.br)

**[25] A História da Psicologia no Brasil e sua Relação com a Raça**

Organização: Comissões de RH e Direitos Humanos. Horário: 20 horas. Local: Auditório da Sede do CRP SP. Informações na Secretaria: (11) 3061-9494, ramal 130.

**[25 a 27] I Congresso Brasileiro de Saúde Mental da Mulher (Ambulin)**

Organização: Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da USP. Local: Centro de Convenções Rebouças – Av. Rebouças, 600, São Paulo, SP. Informações: (11) 3069-6975.

### Junho

**[1] História da Psicologia no Brasil e sua Relação de Poder**

Organização: Comissão de Educação do CRP SP. Horário: 20 horas. Local: Auditório da Sede do CRP SP. Informações na Secretaria: (11) 3061-9494, ramal 130.

**[8 a 10] II Encontro de Fenomenologia e Análise do Existir Sobraphe – Fenpec/Umesp.**

Organização: Universidade Metodista de São Paulo. Local: Rua do Sacramento, 230, Rudge Ramos, São Bernardo do Campo, SP. Informações: (11) 7664-7670 ou 3872-7596. E-mail: [sobraphe@angelfire.com](mailto:sobraphe@angelfire.com).

**[12] VIII Jornada sobre Álcool, Drogas e Aids**

Organização: Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da USP. Local: Centro de Convenções Rebouças – Av. Rebouças, 600, São Paulo, SP. Informações: (11) 3069-6960.